

JFA PUB

Alvarás n.º EOP 25947
n.º ICC 258

**DANIEL, FILHOS,
CONSTRUÇÕES, LDA**

Rua da Fonte Velha
4740 Forjães Esposende
Fax: 253 877 137

Telm.: José - 937470992
Fernando - 939021837
Aníbal - 93 72 44 793

O FORJANENSE

Director: Mário Robalo
Subdirector: Cláudio Brochado
Junho 2010 • Ano XXV 2ª série • n.º 253
Fundado em Dezembro 1984
Euros 0,80

Mensário informativo e regionalista

Recuperar o tempo perdido



©Teresa Almeida

ACARF promove cursos de formação profissional e escolar *pág. 8*

15 anos de danças e pesquisa etnográfica do Grupo Associativo de Divulgação Tradicional de Forjães *pág. 10*

www.espoauto.com espoauto@espoauto.com

Bouro - Gandra - 4740 - 473 Esposende - Tel. 253 969 180

EspoAuto
comércio de automóveis

Destaque

mulheres

O álcool tomou-lhes conta das vidas. Desfazendo-lhes projectos e famílias. Agora, acreditam que a recuperação lhes abrirá horizontes *Textos Diana Martins e Susana Costa Ilustrações Teresa Almeida*

A Esposende Solidário encetava, em 2001, um projecto de intervenção nas habitações degradadas, a nível concelhio. Quem trabalhava neste projecto via que a degradação ia muito além do aspecto exterior da casa. Perante famílias carenciadas a diversos níveis, o número de pessoas com alcoolismo era impressionante e após a tentativa de gerir os seus tratamentos em ambulatório, as lacunas começavam a aparecer, mas também a trazer novas ideias. É assim que surgiu, então, a primeira comunidade terapêutica, para mulheres alcoólicas, a nível nacional. A Comunidade de Inserção Social da Esposende (CISE), situada na freguesia de Curvos, num terreno cedido pela Câmara Municipal de Esposende, fora inicialmente pensada para Góios. A população desta freguesia, porém, insurgiu-se, julgando que se tratava de um cento para toxicodependentes...

«Quando abrimos, em 2005, trabalhávamos cinquenta horas seguidas, deixando a nossa vida pessoal de lado, mas só assim é que conseguimos perceber as doentes, acompanhando-as 24 horas por dia», recorda a psicóloga da CISE, Sofia Cruz. Hoje, a Comunidade tem uma equipa composta por duas técnicas e quatro monitoras que acompanham as mulheres dia e noite.

Através dos acordos com a Segurança Social e a Comissão de Protecção de Menores, estabeleceram como critérios preferenciais, mulheres com um nível socioeconómico baixo, muitas vezes dependentes do Rendimento Social de Inserção, com filhos menores e com motivação para o tratamento.

Actualmente, estão na CISE nove mulheres, mas já lá passaram 66, sendo que a média de idades ronda a faixa dos 40 anos. Entre todas, vinte e nove

recaíram, sendo que a maioria das doentes reincidiu por ter desistido do tratamento proposto, o que leva a psicóloga Sofia Cruz e a técnica de Serviço Social Patrícia Ribeiro a definirem uma taxa de sucesso que ronda os 50 por cento. Os tratamentos estendem-se entre três meses e um ano, conforme o estado e a evolução das doentes. Durante o tratamento, as mulheres, além de um acompanhamento terapêutico, desenvolvem ainda um conjunto de actividades diversificadas, que vão desde a costura, cozinhar, cuidar da casa, dos jardins e da horta... e tratar da Camila – a cadela que mobiliza as atenções de todas as utentes. Têm também saídas e actividades no exterior, muitas vezes só possíveis com o transporte particular das técnicas. Podem receber semanalmente visitas de familiares e amigos, mas só vão a casa, ao fim-de-semana, após terem completado três meses de tratamento.

Quando deixam a Comunidade, há a preocupação, por parte da instituição, de manter o acompanhamento. As mulheres podem continuar a recorrer às técnicas da CISE, visitar a casa sempre que quiserem e trocarem experiências com as actuais residentes.

Este projecto é um sonho que vai tornando, para cada uma das mulheres, outros sonhos possíveis, como regista Patrícia Ribeiro.

Todas as nove mulheres em tratamento na CISE aceitaram colaborar com O Forjanense. Para ressaltar as suas identidades, os nomes verdadeiros foram substituídos por nomes fictícios. Saliente-se que o seu discurso, muitas vezes negativo e com tentativas constantes de encontrar um «bode expiatório», justifica-se com um patamar muito inicial do tratamento em que ainda se encontram.

à busca de futuro



“O que passei, não desejo nem ao meu pior inimigo”

O álcool alterou completamente a minha personalidade: o meu pai morreu de insuficiência hepática e a minha mãe de cirrose, e embora tivesse feito duas desintoxicações não funcionaram».

Andreia tem 38 anos e mora no Bonfim (Porto).

Começou a trabalhar numa fábrica, onde conheceu o marido.

Divorciou-se.

Foi funcionária pública durante

quatro anos. O álcool

começou a fazer parte da sua

vida aos 17 anos, mas foi há 3 anos,

com o fecho da escola onde trabalhava

e o segundo divórcio, que a sua vida mudou

completamente. «Comecei em festas, com os

amigos, e por último já eram quatro litros, diariamente».

Comprava e bebia às escondidas. «Mas a minha irmã

só me dizia: ‘queres acabar como o pai?’». A tomada

de consciência só veio quando sofreu um acidente.

«Estava sob o efeito do álcool quando caí numas escadas

com 21 degraus. Levei 12 pontos e após ter ido para o

hospital, fiz desintoxicação durante três semanas e depois

encaminharam-me para esta comunidade», lembra

agora, já com um brilho nos olhos. Passou pelo Instituto

de Drogas e Toxicodependências (IDT), no Porto, e está na

CISE há dois meses e meio. «Quando vim, tinha pensado

em ficar só três meses, mas agora que cá estou sei que

são precisos muitos mais. Agora sei que sou alcoólica

para toda a vida, é uma doença que vou ter para sempre,

e se não fosse o IDT e a comunidade, hoje não estava

aqui».

Apesar de estar a gostar muito de estar na CISE,

confessa que a primeira semana não foi fácil. Com muitas

saudades de casa e da irmã com quem mora, admite que

ainda vai ter medo do álcool, quando sair. Mas é com

força que assume: «Tenho de encarar o mundo lá fora,

porque agora sei quem sou; quero estudar, tirar o 12º

ano lá fora enquanto trabalho, para assim poder ter uma

vida feliz daqui em diante. Ingerir nunca mais. O álcool

é um pesadelo – o que passei não o desejo nem ao meu

pior inimigo».



“Quase morri...”

Com uma infância muito complicada, Fernanda cresceu, juntamente com mais cinco irmãos, na sombra da violência doméstica. E lembra-se de, nessa altura, ter pensado que o pai deveria beber, apesar de nunca o ver consumir. Só assim se justificavam as barbaridades que fazia com a

mãe, anota.

Viúva há cerca de dez anos, considera o momento

da perda do marido como o ponto de viragem para a

dependência do álcool. Algum tempo depois, arranjou

um companheiro com quem viveu cerca de quatro anos.

Esse homem envolveu-se nas drogas, o que lhe provocou

uma vontade ainda maior de beber, principalmente

porque desapareceu, levando-lhe tudo que tinha. Sozinha,

passava o tempo a beber e o pouco que comia acabava

por vomitar. No limite da sobrevivência, acabou por ser

internada no Hospital Pedro Hispano, em Matosinhos – já

havia perdido muito sangue, bem

como a memória, a fala e todo o tipo

de movimentos. «Quase morri!»,

reconhece.

Depois de tratamentos de

desintoxicação, começou a recuperar a

consciência e, pela mão de uma amiga,

acabou por dar entrada na CISE, já lá

vão dois meses. No início, dependia

de ajuda, até para tomar banho. E

ainda que se mostre distante das

outras mulheres, está profundamente

agradecida àquela colega.

Agora, aos poucos, vai recuperando

de uma morte quase certa. Hoje

valoriza, principalmente, a boa

alimentação da Comunidade,

conseguindo a balança chegar aos

40 quilos. «Juro a Nossa Senhora de

Fátima que nunca mais vou beber»,

repete incessantemente, erguendo as

mãos.

Mãe de quatro filhos e avó de três

netos, não sabe até que ponto os

filhos conhecem a sua situação: «Eu

nunca lhes contei».

Agora, espera que no futuro, até

à sua saída, lhe possam arranjar uma

casa, e então convidar um dos seus

filhos para viver com ela.



“A morte da minha mãe deu-me liberdade”

Não se lembra da primeira vez que sentiu o gosto do álcool, mas lembra-se perfeitamente de quando sentiu o gosto da liberdade. Enquanto foi casada, Josefina viveu com a mãe. Divorciou-se, e, algum tempo depois, morreu a progenitora. «Só comecei a andar na noite e sair com colegas, depois da minha mãe falecer; até aí, só bebia um copo muito de vez em quando». No seu entender, a «liberdade» conseguiu-a após a morte da mãe.

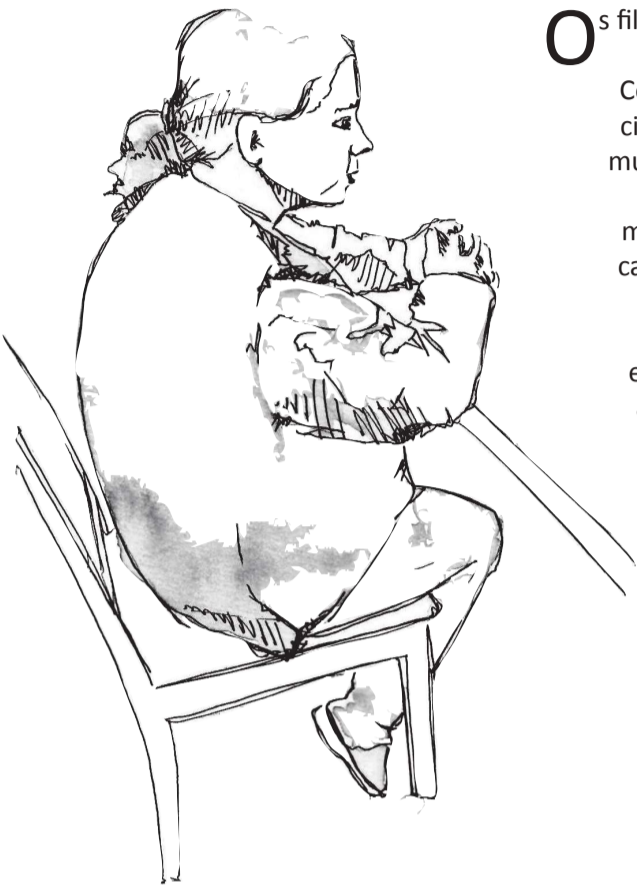
Desde então, foi aumentando e variando os consumos. Tornava-se agressiva, quando bebia, particularmente com a colega com quem partilhava a casa. No dia seguinte, o incómodo da ressaca trazia-lhe a lembrança do que tinha feito e pedia desculpa. Porém, por pior que essa ressaca fosse, e ainda que a fizesse tremer imparavelmente e urinar-se, o impulso de beber era mais forte. Um dia uma colega interveio e encaminhou-a para uma médica que lhe sugeriu um tratamento na CISE. Faz já sete meses que está aqui. Na Comunidade, diz ter descoberto a sua dignidade e o respeito pelos outros, bem como a controlar a sua impetuosidade – «Hoje estou muito mais calma, antes enervava-me por tudo e por nada» –, além de ter aprendido a fazer algumas tarefas domésticas, que antes não fazia.

Josefina perdeu bons trabalhos por causa do álcool – como um que teve num restaurante em que os proprietários se viram obrigados a marcar as bebidas, para provar que ela as consumia. Contudo, no futuro, quer voltar a encontrar um emprego, para não depender mais da Segurança Social.



Destaque

“Meti na cabeça que não vou beber”



Os filhos é que a «trouxeram» até à CISE. Com 33 anos, divorciada, entrou na comunidade há apenas um mês, por recomendação da técnica de Serviço Social. Após lhe serem retirados os filhos, em Fevereiro deste ano, Adriana tenta agora recuperar, para poder voltar a morar com os seus filhos. O álcool apareceu na sua vida quando começou a namorar e aumentou com a ida para casa da mãe.

Uma vez que se encontrava desempregada na altura, passava os dias em casa, o que aliciou ao consumo de álcool em maior quantidade.

«Foi pelos meus filhos que vim para cá. Quero sair recuperada, porque quero muito tê-los de volta», diz com saudades das crianças.

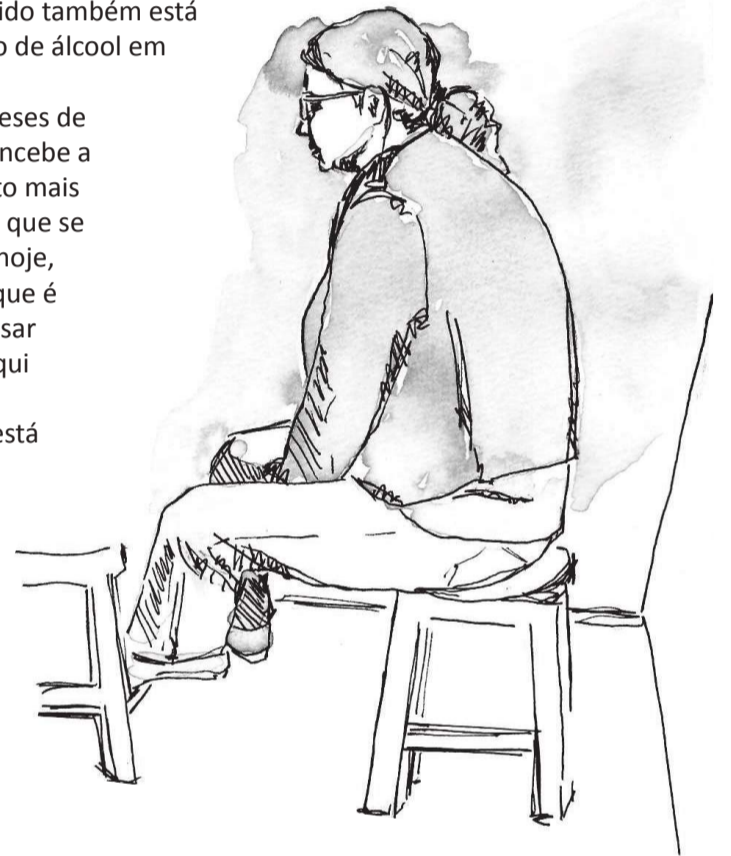
Somente com um mês de experiência, gosta de estar na CISE e, até ao momento, não sente falta do álcool até porque considera ter sido fácil deixar a sua dependência, tudo pelos seus filhos, como gosta de repetir: «O álcool não vai ser um problema. Quero muito os meus filhos, se não os quisesse, não estava na comunidade. Quando meto uma coisa na cabeça, eu faço, por isso meti na cabeça que não bebo e não vou beber».

“Pelos filhos faz-se tudo”

Numa casa em que todos bebiam, a primeira experiência de Francisca com o álcool deu-se quando tinha apenas cinco anos. Desde essa altura, foi aumentando progressivamente o consumo, tornando-se dependente por volta dos catorze anos. Casada desde os dezanove e com três filhos – dois rapazes e uma rapariga, ainda menores –, depara-se agora com a dura realidade de estar longe deles. Enquanto completa o tratamento, os seus filhos estão numa instituição de acolhimento de crianças em risco. «Faço tudo pelos meus filhos; tudo para os ter de volta», refere Francisca com um ar perdidamente saudoso.

Durante os longos anos em que dependia da bebida, nunca «armou discussão em lado nenhum». Houve, apenas, uma vez, que lhe serviu de exemplo, em que bateu no filho mais velho, mas ele respondeu-lhe da mesma maneira. Alertada constantemente pelo seu marido, alarmado com o caso de um colega que havia morrido devido ao consumo prolongado de álcool, decidiu pedir ajuda à médica de família. Começou por fazer uma desintoxicação química no Hospital de Matosinhos e de lá foi encaminhada para a CISE. Paralelamente, o marido também está a fazer um tratamento de álcool em ambulatório.

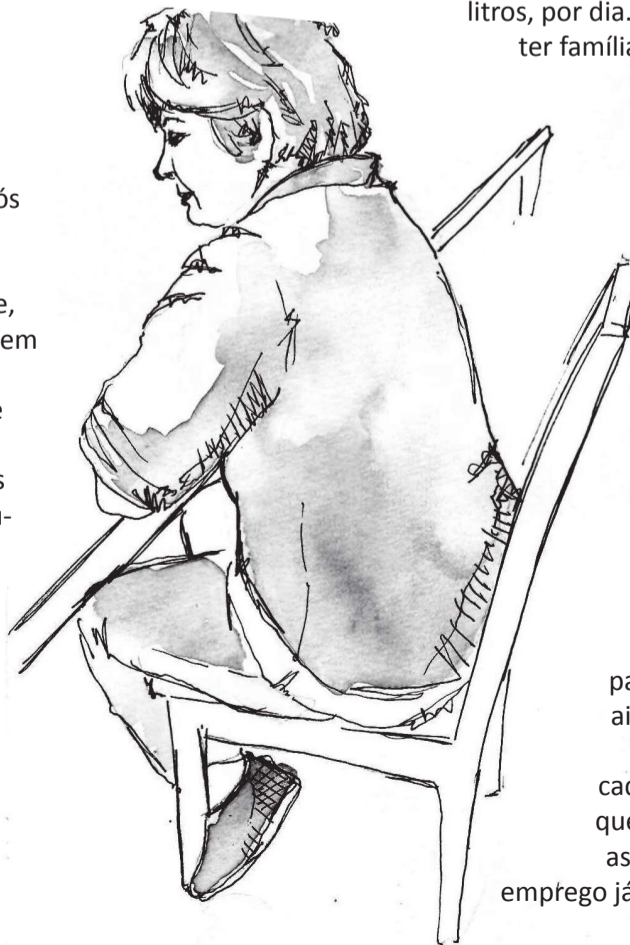
Com quase dois meses de internamento, não concebe a hipótese de ficar muito mais tempo. Aliás, acentua que se soubesse o que sabe hoje, não teria vindo, «porque é muito fechado!». Apesar de tudo, encontrou aqui a oportunidade de continuar a estudar (está a concluir o 4º ano de escolaridade), «coisa que nunca esperava vir a fazer», sublinha. Para o futuro, espera poder recuperar tudo o que perdeu, mas quer, principalmente, cuidar de si.



“Eu só peço um dia de cada vez”

Patrícia é de Valongo (Porto) e tem 50 anos. É divorciada e mãe de duas filhas. Nasceu em Angola, passou por Lisboa, foi para o Brasil e, após o falecimento da sua mãe, voltou a Portugal. Em Mirandela casou, ficando viúva pouco depois. Mudou-se para o Porto. Ali, conheceu o seu, hoje, ex-marido, num período complicado da sua vida em que teve de se prostituir. Foi com os clientes que passou a beber com regularidade. O consumo de álcool aumentou quando começou a morar com a sogra. Foi este vício que fez odiar a filha e, mais tarde, a terminar o casamento. Sem dinheiro, viu-se obrigada a manter contacto regular com três homens com quem se prostituía, para conseguir dinheiro para a bebida.

Fez três desintoxicações. Nesta altura, ainda não se assumia “alcoólatra” e após a primeira desintoxicação, continuou a beber porque o corpo pedia. «Quando acordava de manhã, o meu corpo tremia e eu tinha que beber aquele copo em jejum para poder fazer o almoço para as minhas filhas», relembra com tristeza. Quando fez a segunda desintoxicação, já consumia cerca de cinco



litros, por dia. A culpa atribuía-a ao marido, pela separação, e ao facto de não ter família – algo que hoje sabe ter acontecido, também, por sua culpa. A filha mais nova suportava todas as suas atitudes: «Mas um dia ela separou as camas em que dormíamos porque dizia sentir desprezo por mim». Foi a gota de água. «Quando ela saiu, meti-me na banheira, depois olhei-me ao espelho e disse: ‘Chega, já perdi uma filha, se continuar assim vou perder a outra também’» No Serviço de Alcoologia, onde andava a ser tratada há dez anos, a médica perguntou-lhe que mentira trazia desta vez. Patrícia pediu para fazer uma desintoxicação. Ainda incrédula, a médica propôs-se a arranjar-lhe um centro – «Nesse dia tinha 1,85g/l de álcool no sangue», recorda. No dia seguinte, a filha, ao ver como se sentia mal pela falta do álcool, pergunta-lhe se não queria beber, mas ela respondeu: «Já bebi para toda a minha vida».

Fez a desintoxicação no Instituto de Drogas e Toxicodependências (IDT), no Porto. «E, para aqui, entrei no dia 30 de Julho. Sou a que está há mais tempo». Já teve vontade de desistir: «Mas fico pelas minhas filhas porque sou alcoólatra para toda a vida e tenho de controlar isso». O seu medo ao álcool ainda continua. «Os problemas que me fizeram consumir estão lá fora, mas eu só peço um dia de cada vez; viver sóbria um dia de cada vez», diz, com lágrimas nos olhos, enquanto refere a gratidão que tem pelo trabalho das técnicas da CISE. Gosta do convívio com as outras oito mulheres e dos grupos de terapia. No futuro, e com emprego já assegurado quando sair, vai dar o seu melhor, porque, garante, só quer viver sossegada com as suas filhas.

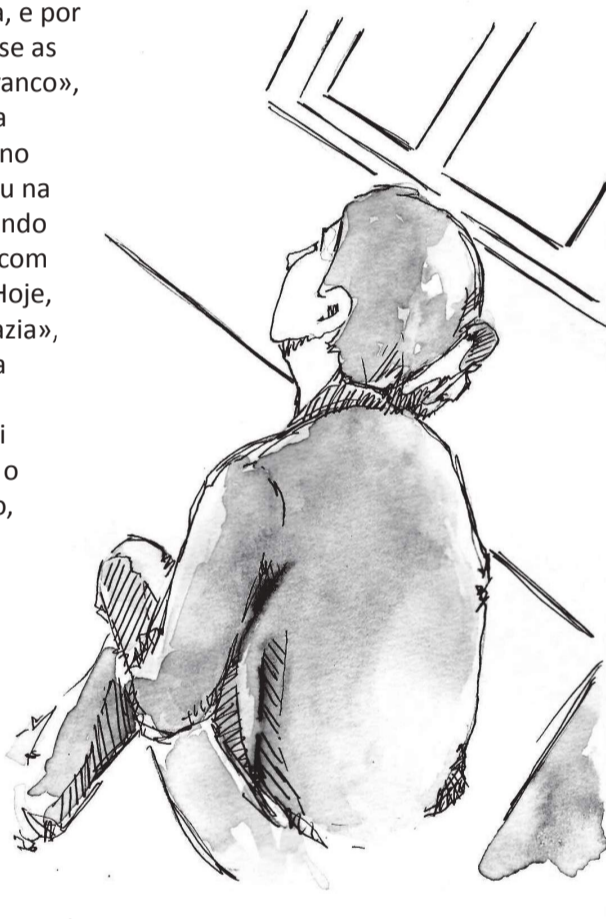
“Quase perdi o meu casamento e os meus filhos”

Tive um grande homem à minha beira. Se fosse outro, já me tinha deixado há muito!». Filipa sorri enternecida, quando fala do seu grande apoio, o marido. E os dois filhos menores, apesar de não terem noção, são o motivo para continuar um tratamento que ainda se espera longo.

Uma série de acontecimentos, iniciados com o falecimento da sua mãe, há cinco anos, devido a uma cirrose hepática, levaram-na a beber intensamente. Mesmo estando em final de gestação da filha. «Parecia que os problemas já não existiam», diz, quando revive os momentos em que estava alcoolizada. Muitos deles não se recorda, como o dia em que agrediu o marido. Chegou a mandar o filho comprar álcool e a ir ao supermercado – «a tremer e com calafrios» –, implorando que lhe dessem vinho.

Com dois meses de internamento na CISE, já havia passado por uma desintoxicação no Instituto de Drogas e Toxicodependências, no Porto, o que considerou insuficiente. Seguiu-se uma tentativa de cura em sistema de ambulatório, mas tomava os comprimidos com o álcool. Até que, por fim, a técnica de Serviço Social do Centro Comunitário de Vila do Conde, onde os filhos estão inseridos, a encaminhou para a Comunidade, em Curvos. Sendo o tratamento ainda recente, confessa, envergonhada, que, de vez em quando, ainda sente vontade de beber: «Sonho muitas vezes com o álcool e acordo com o sabor do vinho na boca».

No pico da sua dependência, e por mais que o marido lhe destruisse as garrafas de vinho – «sempre branco», diz –, arranjava estratégias para consumir. Escondia as garrafas no fundo do cesto da roupa suja ou na máquina de lavar roupa. Chegando a levantar-se, a meio da noite, com o simples propósito de beber. Hoje, consciente da «figurinha que fazia», quer resolver esta dependência de cinco anos e recuperar o tempo que desperdiçou: «Perdi o crescimento da minha filha e o acompanhamento do meu filho, que se tornou um homenzinho cedo demais». Mas está consciente de que o álcool se encontra em todo o lado: «Vou tentar resistir, mas não posso prometer nada; não podemos fugir do álcool uma vida inteira». Por agora, quer apenas viver o dia-a-dia e continuar a ver o marido orgulhoso, «depois de quase ter perdido o casamento e os filhos».



“É a oportunidade de começar a minha vida de novo”

Começou a beber de cada vez que mal surgia um desentendimento conjugal. Casou com 23 anos, mas só se divorciou depois de «16 anos de maus tratos». Hoje, aos 49 anos, reconhece: «Só não o fiz mais cedo porque tinha vergonha do que as pessoas poderiam comentar». Valeu-lhe o apoio de amigos e familiares, para se decidir separar.

Pela filha, fez, há nove anos, uma desintoxicação e tentou parar de beber. «Seis meses mais tarde voltei a beber. Não tinha noção de que era uma doença e então continuei». Entre o trabalho e a bebida, não conseguia ser «uma mãe amiga». A filha começou a fugir de casa, acabando por casar. Agora reconhece: «Foi precisamente a bebida que fez a minha filha afastar-se». Continuava a beber: «Perdi a auto-estima e a minha vida estava fracassada. Então, tentei sozinha deixar de beber. Após mais uma desintoxicação, falaram-me desta comunidade». Como desejava recuperar a filha, aceitou vir para a CISE, onde está há 10 meses.

Com alegria, revela que a melhor coisa que lhe aconteceu foi tomar conhecimento da sua personalidade. «Descobri as minhas características, do que gosto e de como sou, algo que até então não fazia ideia. Assumi que sou alcoólica». Algo que só conseguiu reconhecer ao fim de três meses. «Hoje sou capaz de dizer que estou numa casa de recuperação e digo sem vergonha, porque vale muito a pena o tempo que estamos aqui. O que eu quero é um futuro, seguir a minha vida sem voltar ao mesmo. Agora é a oportunidade de começar a minha vida de novo». Com imensa vontade de estudar, Rafaela deixa para trás os tempos em que se sentia fracassada, por não se conseguir concentrar, e relembra com um grande sorriso que o seu sonho continua. Com a força que recebe da família, está a fazer o 12º ano na CISE: «Hoje tenho ainda mais garra para lutar por isso».



“Era pior que um animal”

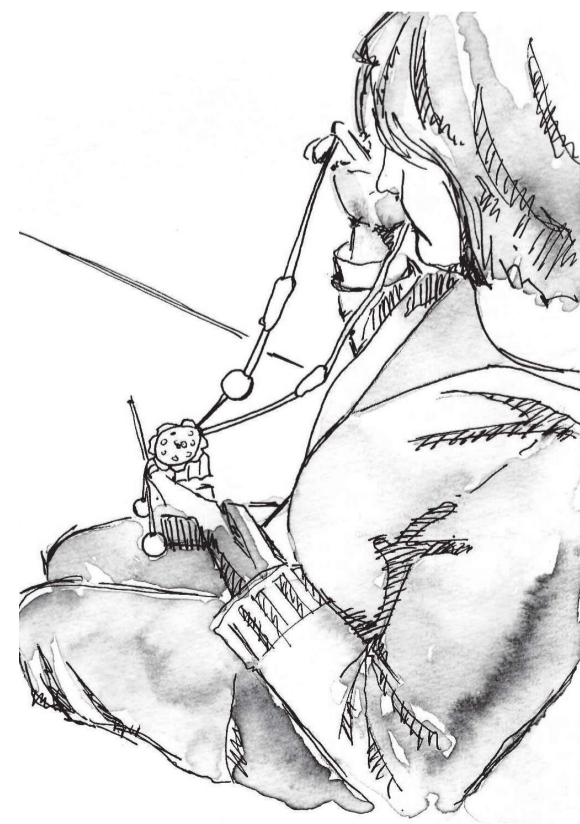
Libânia lembra-se de beber, desde sempre. «Era costume estarmos no campo a trabalhar com um copito à nossa beira», rememora. Com o passar do tempo, foi aumentando gradualmente o consumo de vinho, não encontrando um motivo claro para a sua dependência.

O álcool tornou-a uma pessoa «vingativa e má», principalmente para o marido e filhos, já de maioridade, agradecendo-lhes, muitas vezes, o facto de a deixarem sozinha em casa, pois era mais uma oportunidade de beber tranquilamente. Agredia o marido, partia as portas de

casa, deitava as roupas do marido pela janela, para que ele se fosse embora, e não fazia sequer a higiene pessoal. Com medo de ser apanhada no trabalho alcoolizada, bebia sempre depois das cinco e meia da tarde e ao fim-de-semana, sendo que aí «era bem pior», reconhece.

No auge do seu vício chegou a tentar o suicídio, por duas vezes. Ainda experimentou uma desintoxicação química em Braga, mas acabou por recair. O filho, não sabendo o que fazer para ajudar a mãe, recorreu a um vizinho que deu conhecimento do seu caso à Segurança Social, que a encaminhou para a CISE. Está

aqui há oito meses. E apesar de ter muita vontade de ir embora, confessa: «Quanto mais tempo estamos aqui, sentimos que mais tempo é preciso». Uma ideia contrária ao que pensava no início do tratamento, julgando que um mês bastaria para se curar. Agradece muito a esta casa por a ter acolhido, porque hoje tem a noção de que se tivesse continuado a beber «estaria no cemitério ou abandonada numa valeta como um cão». Ao mesmo tempo, vê-se a recuperar o casamento que julgava perdido, o que a deixa extremamente feliz e com muita esperança no futuro.



O século XX, na nossa terra, está pouco estudado

Um olhar sobre Forjães com Gil Abreu, que em Maio publicou o 14º livro

Os seus livros assumem estilos muito diferentes. São livros de testemunhos, de memórias e temáticas plurais, como os militares do Ultramar, a regionalização, a vila de Forjães, as quotas das mulheres nos partidos...

Antes de responder, queria explicar o que disse aquando dos Encontros Literários. Afirmei que não era escritor, mas não me fiz compreender. Ora, eu não me queria equiparar ao Pepetela, que é um escritor de ficção. Nesse sentido, não sou escritor. Nunca escrevi nenhum romance. Mas sou escritor, na medida em que escrevi crónicas n' *O FORJANENSE* e escrevi dezenas de ensaios. Tanto as crónicas como os ensaios aproximam-se da escrita literária. Nesse aspecto sou, também, escritor.

Feito o esclarecimento, como é integrar modelos de escrita tão diversos – da literatura à reflexão do acontecimento político ou ao olhar que faz sobre as pessoas – que exigem reflexões diferentes?

As crónicas têm a ver com o quotidiano. Já os ensaios têm uma origem diferente. Enquanto fui professor servia-me da análise de alguns assuntos, como «as cantigas de amigo», fazendo um paralelo com a poesia de Manuel Alegre. Outros, como o ensaio sobre a escritora e poetisa Maria Irene Faria do Vale, está interligado com a matéria que eu leccionava. Ao dar **O Amor de Perdição**, reparei que

a novela **Rosa Maria**, de Maria Irene, é um «pastiche» do romance de Camilo Castelo Branco, levando-me a fazer um paralelo entre as duas obras. A novela **Rosa Maria**, à qual me referi aquando dos 50 anos da publicação, falava dos 150 anos de um grande acontecimento em Forjães, no lugar do Matinho. Houve, pelo menos, uma morte e posteriormente houve um filho que foi assassinado, um filho padre. E isso é histórico. Portanto, as coisas vão acontecendo...

Em Mais Forjães há um capítulo dedicado ao registo de factos, ocorridos no período destes 20 anos de elevação a vila. Está a perder-se este sentido de memória?

Não deveria perder-se. O registo do que vai acontecendo é importante. Não para nós, porque os contemporâneos não dão valor, porque vivem esses acontecimentos. Mas daqui a um século, os investigadores vão agradecer, porque já não é necessário confrontar, está aqui tudo registado.

E as autarquias deveriam investir mais na preservação destes registos?

Quando publiquei o primeiro livro, em 1995, quem editou foi a ACARF, mas a Câmara pagou. Acabou esse auxílio. E agora tem sido tanto a ACARF como a Junta de Freguesia a patrocinar. Eu acho que as autarquias deviam ficar agradecidas por este trabalho. Afinal, é um trabalho comunitário.

Luís Pedro Ribeiro



Não me estou a queixar, porque o faço com gosto, mas quem se quiser dedicar à Cultura tem de fazer por sua iniciativa e custo.

No livro Mais Forjães, surpreende-nos com uma resenha biográfica da monja Grácia Josefa Maria do Lado, nascida na Quinta de Curvos. Não existem dados por trabalhar da história de pessoas, como Rodrigues de Faria, de quem se diz ter mandado relações com a Maçonaria, como parece revelar a arquitetura das escolas...

...e até a festa da árvore, que ele levou a cabo, é maçónica.

É necessário olhar mais criteriosamente a história de Forjães, no século XX?

Não sou historiador. Temos uma monografia com poucos anos, mas

penso que o dr. Carlos Brochado parou no início do século XX. Embora fale pela rama de algumas coisas, poderia acrescentar mais do que se passou ao longo daquele período. É bastante omissivo. E não quero meter a foice em seara alheia. Mas podia haver um complemento da monografia relativamente ao século XX, que está pouco estudado.

Um acontecimento que se podia explorar...

Por exemplo, a grande festa que houve aquando do aparecimento do primeiro telefone, na década de 30, do século passado. Foi no «café de baixo». Uma autêntica festa com altifalantes, etc. Foi, no tempo do professor Mário Vilverde, quando era presidente da Junta. É fundamental registar

acontecimentos tão significativos. Há muitos acontecimentos no século XX: o Lar de Stº António, a cantina escolar e o salão parquial. Estou a lembrar-me destas, de que não há nada escrito.

A propósito, no centenário da República, acha que se deveria olhar algum acontecimento em Forjães?

Era uma investigação a fazer. O professor José Albino de Faria, pai da professora Maria Irene Faria do Vale, era um republicano convicto. Pode ser que a família tenha alguns dados. Ele foi presidente da Junta. Seria também bom ver as actas da autarquia, averiguar se existe algum registo.

Mário Robalo

Editorial



marchas bairristas, casamentos antoninos e arruadas são-joaninas. Mas enquanto admiro a vivacidade dos gatos pequenos da época que brincam, atrevidos, dá na lembrança a memória dos roubos rituais da noite mais longa do ano.

Antigamente, por estas semanas (e acho que ainda hoje acontece), limpavam-se os regos e as poças, pois começavam os giros das regas do milho, algumas delas a horas altas; e numas poucas, na madrugada de 23 para 24 de Junho, calhou de quem vinha de regar surpreender em algum caminho os moços carregados com vasos de flores «roubados» da janela da rapariga com quem falavam, ou então vergados sob o peso do cheiro ou do eixo de um carro de bois para ser colocado à frente do Café Novo.

Nesses passeios na noite escura, sob o pretexto de dar encontros à rapariga para quem se queria falar, das proezas de arrastar as

cancelas de ferro das bouças, ou de carregarem às costas um carro de bois em silêncio, os rapazes davam provas de força e de coragem.

Nesta edição recuperam-se os passos do Rancho Folclórico de Forjães que completou 15 anos de colectividade e de gosto pelas tradições; visitou-se a exposição de Adelino Ângelo, pintor minhoto com um interessante percurso e reconhecimento internacional; e descobriu-se a olaria de Bisalhães, através da exposição patente nos Paços do Município de Barcelos.

Mas o destaque vai inteiro para a visita à única instituição portuguesa, que apoia mulheres em processo de recuperação da dependência do álcool. E aquelas mulheres aceitaram darem-se a conhecer e às suas vidas, provando que a coragem nem sempre se mostra na noite, nem a vida pesa tão pouco quanto um carro de bois.

Cláudio Brochado

À margem

A cidadania é um conceito nascido da Modernidade, no século XIX. Até então, nada exigia comportamentos civilizados. Ou seja, atitudes respeitadoras, não apenas da individualidade dos cidadãos, mas também do bem colectivo.

A reflexão que se foi construindo, apontava a co-responsabilidade na construção e no usufruto de tudo o que diz respeito ao interesse comum das sociedades. E se passou inicialmente pelo reconhecimento do direito individual em se ser reconhecido, nos direitos e deveres, também é verdade que foi evoluindo para o direito e dever individual de colaborar activamente na preservação dos diferentes elementos constitutivos (políticos, sociais e éticos) das sociedades-nação.

Neste Ano Internacional da Biodiversidade, recorde-se que neste conceito se reconhece actualmente a preservação da Natureza, em toda a sua dimensão,

em todas as suas situações.

Esta reflexão vem a propósito de um cenário que, ao longo do tempo, vamos reparando em Forjães - não só aqui, mas agora é daqui que nos ocupamos. Ou seja, os inúmeros objectos-símbolos da sociedade de consumo que se vêem espalhados por ruas, caminhos e mesmo zona de floresta da nossa terra. Garrafinhas de iogurte líquido, fraldas, malas de viagem, embalagens de detergentes e os invólucros dos gelados, entre outros. O direito à cidadania não significa apenas o direito a ter Saúde, estradas bem conservadas, iluminação pública, serviços públicos adequados... Nem mesmo diz somente respeito ao direito à diferença, ao acesso à Cultura e ao lazer, etc. Depois da acção nacional «Vamos Limpar Portugal», com repercussões em Forjães, seria ideal que todos nos comprometêssemos com um gesto de cidadania.

Mário Robalo

Junho é o meu mês favorito do ano: traz Verão, S. João e sardinhas a pingar no pão. Isto parece tirado de uma quadra de manjerico, mas tenho-o como o mês mais português, com mais sabor e com mais tradições.

Os dias compridos e as noites quentes convidam aos folguedos próprios dos Santos Populares e de todas as tradições a eles associados. Hoje a televisão traz

Comunidade paroquial

Procissão do “Corpus Christi” saciar a humanidade de pão e de Deus

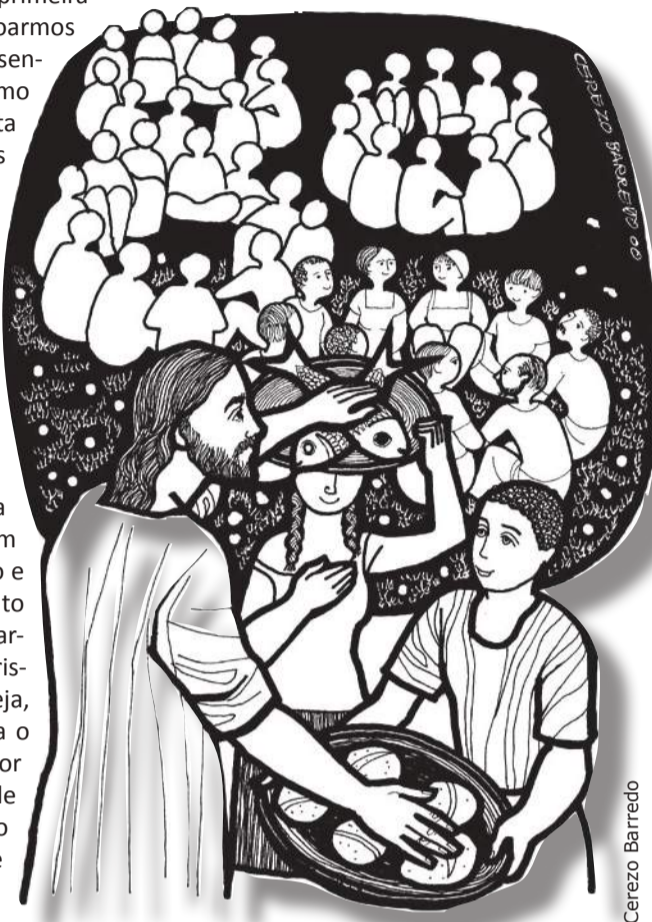
Pe. José Ferreira Ledo

A vida cristã reveste-se de momentos ímpares e únicos, na vivência da fé comunitária. Assim como a Igreja «faz a Eucaristia», assim a «Eucaristia edifica a Igreja», verdade que anda intimamente ligada ao mistério da Quinta-Feira Santa. A Igreja foi fundada como nova comunidade do Povo de Deus, na comunidade apostólica dos Doze que, durante a Última Ceia, se tornou participante do Corpo e do Sangue do Senhor, sob as espécies de pão e vinho. Cristo tinha-lhes dito: «Tomai e comei... tomai e bebei...».

Em ambiente que convidava à oração silenciosa, dia 3 de Junho (Corpo de Deus) reunimo-nos na igreja Matriz para a oração de Vésperas e proclamação da Palavra, em honra da Eucaristia. Depois desta oração, a procissão saiu à rua sendo participada por muitas pessoas que fizeram o trajecto «pisando» um lindo tapete florido, primorosamente preparado pelos diversos organismos paroquiais... Na Fundação Lar Santo

António, fizemos uma «primeira paragem», para abençoarmos todos os doentes ali presentes. Nova paragem ao cimo do escadório de Santa Marinha, abençoando os campos e searas, para que produzam frutos abundantes; em seguida, rumámos à igreja matriz, terminando esta jornada de oração ao Santíssimo com a Sua bênção.

Fomos convidados pela proclamação da Palavra, atentamente acolhida, a sermos cristãos que devem saciar a sociedade de pão e de Deus. Pelo sacramento do Baptismo, fazemos parte do Corpo Místico de Cristo, materializado na Igreja, mas que também integra o corpo da humanidade. Por este facto, temos todos de assumir o compromisso de matar a fome aos que não têm pão...



Cerezo Barredo

A Igreja de Santa Marinha de Forjães o livro do património paroquial

«Este pequeno livro é, portanto, resultado desta nova onda inventariante, que obedece a objectivos bem claros: dar a conhecer o património que temos; contribuir para a sua preservação; torná-lo amado e fruído pelo público.

Mantivemo-lo na linha editorial que vinha de trás: livros facilmente manuseáveis, texto leve, linguagem acessível, abundância de fotografias... Esperamos com isso prestar um agradável serviço a quem aceita o desafio de folhear e ler.

Como é obvio, nem tudo o que foi inventariado consta deste livro. Tivemos que seleccionar. (...) Herdeiros que somos de um



Luís Pedro Ribeiro

Sta. Marinha, em talha policromada, datada provavelmente do séc. XVI

valioso património, o mínimo que em justiça podemos fazer é cuidar dele, preservá-lo, conhecê-lo e amá-lo. Servir-nos-á isso de leite. E colheremos certamente a gratidão dos nossos contemporâneos e de quantos nos hão-de suceder» (Cónego José Paulo Leite Abreu).

O livro que nos fala da igreja Matriz e do seu espólio, está à venda pelo preço de 10 €. Podem adquiri-lo, na sacristia, junto ao Sr. Albino.

A publicação vai ser sujeita a «errata», dado existir uma ou outra incorrecção. A seu tempo, uma folha de «errata», deverá ser colocada no livro.

Baptismos

06/06 - Gabriela Ramos Sinaré, filha de António Manuel Teixeira Sinaré e de Tânia Rafaela Pires Pinto Ramos

Matrimónio

29/05 - Valter Rafael Ribas Dias e Dora Helena Almeida Ribeiro, ele, de Vila Franca, Viana do Castelo, ela, de Forjães.

Notícias Breves

- O Sacramento da Confirmação/Crisma será no dia 4 de Julho, às 18h00, na igreja paroquial de Belinho, para as paróquias de Forjães, Antas, Marinhãs, Mar e Vila-Chã.

- O Convívio Paroquial, será no dia 8 de Agosto, com Missa celebrada na Capela de S. Roque, seguida de almoço partilhado e tarde de entretenimento. Participa!...

- A Festa de S. Roque será no dia 29 de Agosto. A Comissão de Festa é formada por Abílio Ferreira de Sá, Carlos Dias Jaques, Martinho Sampaio, Jorge Dias Jaques, Paulo Jorge Almeida, António Filipe Sá e Anacleto Carvalho. Contactar qualquer um destes elementos da Comissão de Festas para donativos a oferecer para este efeito. Outros pormenores da festa, serão dados logo que tenhamos informações concretas.

- A Festa da Profissão de Fé (6ºAno) realizou-se dia 20 de Junho, às 11h15, na igreja Matriz.

Caminhos

Crise de misericórdia



A misericórdia deve ser a base de uma nova humanidade. É o que nos propõe o teólogo católico José Maria Castillo, na seguinte reflexão:

A palavra que mais se utiliza neste tempo é a palavra «crise». Sobretudo, por causa da crise económica. A crise que tanto nos preocupa a todos, na qual mais pensamos e da qual mais se fala, em todo o lado e a todas as horas. Mas seguramente nunca parámos para pensar que a crise económica

é causada por algo que lhe é anterior (...). O que pretendo fazer cair em conta é que, na crise económica, incidiram factores humanos muito determinantes (...). Mas há uma coisa, que a mim, pelo menos, é a que me faz pensar mais. Refiro-me ao tema da MISERICÓRDIA. E sem dúvida, acredito, que não sairemos da crise enquanto não nos reeducarmos todos na virtude da misericórdia. Somente quando o «princípio misericórdia» for o princípio orientador da convivência, é que então poderemos dizer que começamos a sair da

crise (...).

O Evangelho, que é modelo e motivo em tantas coisas, explica-nos muito bem que Jesus só foi tão profundamente humano, tão livre e tão coerente, porque o princípio orientador da sua vida foi a misericórdia. O verbo grego *splagdjni-domai*, que literalmente significa «comover-se nas entranhas», é o verbo que os evangelhos utilizam quando Jesus se encontrava diante de situações de enorme sofrimento: perante doentes, pessoas mortas pela fome, leprosos, pessoas excluídas... Educaram-nos para a

competitividade, o lucro, e tantas outras coisas. Mas não nos educaram devidamente na «comoção visceral», perante o sofrimento humano.

Vivemos um tempo de mudança. Uma cultura está a desaparecer. E uma outra está surgindo. Se aceitarmos orientar a nova Cultura por uma cultura regida, não pela inveja e pelo lucro, mas pela sensibilidade da misericórdia, sem dúvida que estamos a trabalhar as bases de um mundo mais habitável e na qual haverá muita mais gente imensamente feliz.

Local

Formação profissional e escolar na ACARF

Cursos destinados à formação profissional para desempregados vão ser ministrados pela ACARF, que estabeleceu um protocolo com o Instituto de Emprego de Formação Profissional, no qual está também incluída a formação escolar para adultos que pretendam concluir os 6º, 9º e 10º anos de escolaridade.

As inscrições são efectuadas na sede da ACARF, entre as 9h-13h; 14h-17,30h (Segunda a Sexta-feira).

RVCC Escolar

RVCC Profissional

Assistente Administrativo (a)

Técnico Administrativo (b)

Cozinheira (a)

Electricidade de Instalações (a)

Operador de Máquinas-ferramenta (a)

a) Exige 9º ano de escolaridade

b) Exige 12º ano de escolaridade

Formação Modular de Base (200h) B2

Destinatários: Candidatos com idade ≥ 18 anos e escolaridade > ao 4º ano e < ao 6º ano

Formação Modular de Base (250h) B3

Destinatários: Candidatos com idade ≥ 18 anos e escolaridade > ao 6º ano e < ao 9º ano

Formação Modular (250h) NS

Destinatários: Candidatos com idade ≥ 23 anos e escolaridade ≥ ao 10º ano e < ao 12º ano

DURANTE A FORMAÇÃO MODULAR, OS FORMANDOS PODEM BENEFICIAR DE: BOLSA DE FORMAÇÃO, SUBSIDIO DE TRANSPORTE, ALIMENTAÇÃO, ACOLHIMENTO E SEGURO DE ACIDENTE PESSOAIS.

Documentos a apresentar:

Fotocópia do BI, cartão de contribuinte ou cartão de cidadão

Certificado de habilitações

Homenagem a ex-combatentes

No dia 31 de Julho (sábado), a Junta de Freguesia vai organizar um «encontro convívio», com vista a homenagear todos aqueles que combateram na guerra colonial.

Não é só o cumprimento de uma promessa eleitoral mas também, uma forma de fazer justiça a todos aqueles que sofreram e participaram nas várias frentes da guerra ultramarina.

Assim, pelas 17,30h, será feita a homenagem aos antigos combatentes, com o descerramento de placa e monumento evocativo, seguindo-se pelas 18h, no auditório do Centro Cultural, o lançamento do livro **Herói do Império**, de Gil Abreu. Uma hora mais tarde, na igreja paroquial, uma missa de sufrágio por todos os ex-combatentes. Para terminar, um jantar convívio. A Junta de Freguesia aproveita para convidar todos os antigos combatentes, familiares e amigos a participarem neste encontro-homenagem.



A ACARF participou, este mês, na EspoEquestre com duas dezenas de crianças, entre os 3/4 anos. A iniciativa da Câmara Municipal de Esposende, Esposende 2000 e Junta de Freguesia das Marinhas, teve como objectivo a valorização do cavalo e da actividade hípica. O programa, além de pretender possibilitar uma aproximação entre



as crianças e os equinos, deu a conhecer metodologias terapêuticas destinadas a crianças portadoras de deficiência. O Dia Mundial da Criança foi também participado por meninas e meninos da ACARF, no Estádio de Esposende, em diversas brincadeiras e jogos. Esta actividade foi também promovida pelo município.

Actividades de Verão na ACARF

Umás férias repletas de actividades atractivas e encantadoras, destinadas a crianças entre os 6 e os 13 anos de idade, é o que a ACARF vai proporcionar entre 21 de Junho e 6 de Agosto.

A iniciativa pretende dar resposta aos pais, que nesta altura do ano têm dificuldade de oferecer aos seus filhos um local seguro, onde possam usufruir de um conjunto de acções adequadas à sua faixa etária.

A ACARF dispõe de técnicos especializados, capazes de dar resposta aos diferentes interesses das crianças.

Visitas a museus, monumentos históricos e arqueológicos. Teatro e música

Atletismo, futebol, voleibol, andebol, natação, orientação, escalada, badminton, caminhadas, etc.

Praia, Ludoteca, pedipaper, picnic, fotografia, ateliers, jogos tradicionais, carrinhos de rolamentos, etc.

Horário: 8h - 18,30h

Preço/semana: sócios ACARF - 30€ não sócios - 35€ (inclui pequeno almoço, almoço, lanche e seguro de acidentes)

Tel. 963896358 / 939974000

Festas de Sta. Marinha

Resumo do programa (11 a 18 Julho)

Domingo 11

8h - Grupos de bombos de Amarante e Barcelos

15h - Concentração de ranchos de Forjães, Ponte da Barca, Esposende e Correlhã.

16,30h - Parada

21,30h - Arraial nocturno de ranchos

Segunda 12

8h - Exposição de pintura de Eduarda Sá

Terça 13

8h - Exposição de pintura e trabalhos manuais de Rosa Neiva

Quarta 14

21,30h - Procissão de Velas

Quinta 15

8h - Grupo de Bombos

21,30h - Canário e Amigos

Sexta 16

20,30h - Concentração de andores no Centro Cultural e desfile até à

igreja
22,30h - Quim Barreiros e a sua banda

Sábado 17
15h - Entradas das bandas de música de Revelhe de Fafe e da Trofa
21,30h - Concertos das bandas de música

Domingo 18
8h - Eucaristia seguida do tradicional clamor a Sta. Marinha
14,30h - Fanfarras bombeiros voluntários de Riba de Ave
15h - Fogo de artifício e entradas das bandas de música de Tarouquela e de Paços de Ferreira
17h - Início dos actos religiosos, com sermão e procissão. Homenagem ao padre Justino Moreira.
21h - Concerto das bandas de música e fogo de artifício

Encontro convívio dos forjanenses nascidos em 1940

Marcações: Armando Costa - 931955238/253871982; António Roque - 938791990/253871995; António Ribeiro - 966009256



Memória de um ano em Vila das Aves

Victor, nosso herói e nosso mártir é o novo livro do padre Fernando de Azevedo Abreu, natural de Forjães e pároco de Vila das Aves.

Numa homenagem aos mártires dos violentos assaltos, relata, nesta obra a história de Victor, um avense por casamento, e dono da ourivesaria Fernandes, que, ao ser assaltada pela quinta vez, ditou a morte bárbara do seu proprietário, em defesa do colectivo. Fortemente enlutados, deixou uma esposa e um filho, a quem o pároco dedica toda a sua amizade.

Paralelamente, este livro, lançado em Maio passado, recolhe mais um conjunto de informações apostas à sua querida paróquia e ao seu rebanho. Fala, nomeadamente, dos 40 anos de guidismo em Vila das Aves, dos escuteiros e suas reverências, do 20º encontro paroquial com jornalistas, da presença da sua terra de acolhimento na imprensa e do feedback do seu livro anterior "Pró Tiago Vencer".

Houve ainda espaço para uma referência à ordenação sacerdotal do Luís Baeta e da sua Missa Nova, celebrada a 30 de Agosto de 2009, na qual o padre Fernando esteve presente.

É uma vasta compilação, com retratos quotidianos de Vila das Aves, mostrando, mais uma vez, a proximidade do autor às suas gentes.

Publicidade

AUTO DETALHE

MANUTENÇÃO DE FROTAS
CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA EMPRESAS
CONSULTE-NOS

mecânica	injeção eletrónica rectificação de discos e eixos de travões	electricidade	sistema eléctrico rádio / auto rádio / sons	ar condicionado	abastecimento e actual de refrigerante e reciclagem DESCRIÇÃO HORAS PARA OBRAS
chaparia	banco de alinhamento de chassis	pneus	vergo, amortecedores, calços		
pintura	estufas de pintura alugação de cor computadorizada	manutenção	limpeza de interiores e exteriores alugação de escovas		

Rua dos Barreiros, 164 - 4740-439 Forjães - Esposende
Tel. 253 877600 / 253 877 601 Fax 253 877 602 - Tlm. 965 017 006

O TEAR

- TÊXTEIS LAR COELIMA E OUTRAS
- LINGERIE TRIUMPH, SLOGGI, SIMEL
- TUDO EM ROUPAS INTERIORES, MEIAS E COLLANTS
- PERFUMES VÁRIAS MARCAS
- PEÇAS DECORATIVAS E UTILITÁRIAS
- LINHOS, LOUÇAS DE VIANA, CRISTAIS, ETC

REPRESENTANTE DAS MARCAS TRIUMPH, SLOGGI, E COELIMA

RUA DE PINHEIRO Nº 163, S.ROQUE
FORJÃES Telefone: 253872699

Confeitaria **marbela** BOMBONARIA

ARTE EM DOCE

ESPECIALIDADES DA CASA E REGIONAIS

QUALIDADE • TRADIÇÃO • INOVAÇÃO

Rua 1.º de Dezembro, 71 • Telefone 253963274 • 4740-226 ESPOSENDE

CONFETARIA PRIMOROSA:
Praça do Município, 7 • Telefone 253961563 • 4740-223 ESPOSENDE

de José Manuel da Cruz Torres

ALTA MIRA
Moda Jovem

Visite-nos

Qualidade invejável - Preços imbatíveis

Boucinho - Forjães - Tel - 253 87 16 87

CAFÉ NOVO

de Domingos T. Cruz

- Café Snack Bar
- Distribuidor PANRICO
- Agente Totoloto - Totobola - Joker- Euromilhões

Rua 30 de Junho - 4740 Forjães
253 87 21 46

Hélder Vieira
tel. 984 367 772 | 911 122 171

carnes paladino

Rua Horácio de Queirós
Loja 126 | 4740-444 | Forjães | ESP

SANILUZ
energias renováveis

- Energia solar fotovoltaica
- Energia solar térmica
- Energia geotérmica
- Energia aerotérmica

Rua da Corujeira, n.º470, Forjães
4740-442 - Esposende
Tel. / Fax: 253 877 135
e-mail: saniluz@gmail.com

PSA
Paderaria e Pastelaria Sá

de Francisco Sá

Fabrico diário de todo o tipo de pão; pizzas; bolos de aniversário e casamento; pastelaria sortida e doce regional

Rua da Calça, n.º 74 - Forjães
Telefone: 253 87 15 94

O FORJANENSE

25 ANOS É MUITO TEMPO,
MUITAS NOTÍCIAS E...
MUITAS LEITURAS

DIVULGUE O JORNAL DA NOSSA TERRA

CASA PEREIRA
Tel - 253 87 17 19

Drogas - Ferragens, etc
Tudo para Casa e Jardim
Venda de árvores de fruto

Instituto Português da Juventude

Rua Santa Margarida, 6
4700 Braga

Tel. 253 204250 // Fax 253 204259

Com o apoio: Programa de Apoio as Associações Juvenis (PAAJ)
email: ipj.braga@mail.telepac.pt //http.wwwsejuventude.pt

Cultura



Em nome da etnografia

Ao celebrar 15 anos de vida, o GADTF diz estar a viver o seu melhor momento. Com 75 elementos, o grupo tem-se dedicado à recolha de músicas, trajés e cantigas tradicionais. Agora, além de ter em mãos a construção da sede, prepara um festival de folclore

Textos de Ricardo Brochado Fotos Basília Torres

Numa sociedade em que o termo folclore é visto de forma depreciativa, abrem-se os olhos a um dos grupos mais bem sucedidos de Forjães e entendem-se as palavras de Carlos Couto: «O folclore é o elo de ligação entre o passado apontando ao futuro o caminho da verdade».

O Grupo Associativo de Divulgação Tradicional de Forjães (GADTF) celebrou quinze anos de vida, no passado 5 de Maio, estando, nas palavras do seu presidente Carlos Couto «a atravessar o seu melhor momento desde que foi fundado».

Tendo assumido aquela função em 1999, quando apenas tinha 18 anos, continua a revelar entusiasmo ao desfiar a memória e os meandros do grupo a que preside.

No início foi difícil devido à falta de gente, dinheiro e, acima de tudo, de um rumo claro, que lentamente foi sendo encontrado. Os alicerces passaram por criar uma recriação fiel dos usos, costumes e formas de trajar da sociedade dos finais do século XIX.

Afinal, um «rancho» não é mais que isso: a representação de uma realidade que vai sendo esquecida. Uma espécie de quadro etnográfico vivo que passa pelas desfolhadas, pelo trabalho do linho, pelas ceias das festas dos Reis e das Janeiras, que encaixa toda uma alegria do amor pela terra que se chama Forjães. E é neste ponto que Carlos Couto reconhece as maiores dificuldades. Forjães está incluído no Minho, mas não se encaixa nem nos costumes garridos do Alto Minho, nem nos mais recatados costumes do Baixo Minho, ambos possuindo uma recolha etnográfica suficiente para poder documentar convenientemente os grupos

pertencentes àquelas áreas geográficas. Forjães enquadra-se mais num espaço a que poderíamos denominar de Médio-Minho, mas que carece de informação fidedigna. Assim, foi necessário bater a muitas portas da vila, bem como de algumas freguesias vizinhas, para perceber qual era o fio condutor em termos de vestimentas, actividades, adivinhas, crenças populares, cantigas e instrumentos. Um trabalho exigente que antecedeu recolha.

O GADTF honra-se do seu extenso património, fruto de inúmeras doações, e saliente-se que a diferença entre ter vestuário original e cópias do mesmo, faz toda a diferença, especialmente na fase em que o grupo atravessa. Neste momento, está em apreciação o seu pedido pela Federação do Folclore Português para ser considerado membro efectivo. Recorde-se que só cerca de 25 a 30 por cento dos «ranchos» portugueses é que são federados. E será

uma grande honra para esta associação e para a freguesia que possa ser incluída na «primeira divisão» da divulgação destas tradições. Caso seja aceite naquela Federação, será o segundo grupo federado do concelho de Esposende, a par dos Sargaceiros da Casa da Apúlia. Com esta conquista terá como que um selo de qualidade, podendo participar em certames mais importantes, tanto dentro como fora do país.

Neste momento está a ser edificada a sede do grupo, em S. Roque, um sonho antigo dos elementos e do primeiro presidente Manuel Dias Couto. Terá salas de ensaio, um auditório com capacidade aproximada para 300 pessoas, camarins, e tudo o que uma sala de espectáculos deste tipo de agremiação necessita.

Faltam, no entanto, verbas para concluir parte das paredes e telhado, que na opinião de Carlos Couto «é a parte mais importante. O resto vai-se fazendo...».

O que se vai construindo dia-a-dia é o futuro do «rancho». Para além das cinco dezenas de pessoas que se deslocam a todas as actuações, ainda resta a parte infantil que faz com que o grupo atinja cerca de 75 pessoas, com idades que atingem o espectro, não dos 7 aos 77, mas dos 3 aos «setenta e tal». A formação é uma aposta, dando-se sempre a liberdade às crianças continuarem ou não, já que ainda paira um certo estigma, quando se atinge a adolescência «que andar no rancho é parolo».

E em jeito de convite, refira-se que os ensaios estão abertos a todos, realizando-se todas as sextas-feiras (21h), no pavilhão da ACARF.



Com a gravação do CD quase concluída, permanece a intenção de lançar, em simultâneo, um DVD. As imagens contidas no DVD serão alusivas a Forjães e às suas tradições. Para além da participação nas festividades de Santa Marinha, o GADTF está a programar a organização de um festival de folclore, dia 4 de Setembro, em local a designar, com a recriação da chegada à romaria. Participam o Grupo de Danças e Cantares BESclorre (Lisboa), a Rusga Típica da Correlhã, o Rancho da Casa do Povo de Arões (Fafe) e o Rancho Folclórico de Ponte da Barca. Também em Setembro, dia 18, no Largo de S. Roque, irá promover uma desfolhada, com a colaboração de todos os ranchos do concelho.



Forjães Sport Club

Campeão 1ª Divisão Distrital A.F. Braga
Finalista Taça Ass. Futebol de Braga

Ass. Desportiva Esposende

2º Classificado na Divisão de Honra
Ass. Futebol de Braga



Gandra Futebol Clube

2º Classificado da 2ª Divisão Distrital
Ass. Futebol de Braga

Clube de Futebol de Fão

Permanência na
3ª Divisão Nacional



Grupo Desportivo Apúlia

Permanência na Divisão de Honra
Ass. Futebol de Braga

Escolas A.D.E.

1º Lugar Série A
Campeonato Distrital Infantis A. F. Braga



Escolas de Futebol ADRC Fonte-Boa

Os Galácticos

Academia de Futebol - Fão



O Ponto de Cópias orgulha-se de ser o parceiro das equipas de futebol que melhor representaram o concelho de Esposende na temporada 2009 / 2010.

O sucesso não é obra do acaso. Parabéns pelo vosso esforço, dedicação e glória!

Ponto de Cópias: Pontos a teu favor

(P) PONTODECÓPIAS
IMAGEM E SOLUÇÕES GRÁFICAS



Prç. D. Frei Bartolomeu dos Mártires, Lj. 11
4740-222 Esposende
Tel / Fax: 253 968 342
e-mail/msn: pontodecopias@sapo.pt



Boletim — Nascente Escolar

Agrupamento de Escolas Terras do Baixo Neiva

Junho 2010

Cursos EFA visitam Porto e Gaia

No passado dia 12 de Junho, os alunos dos Cursos EFA de nível Básico e Secundário realizaram uma visita de estudo às cidades do Porto e Gaia. Esta visita de estudo constituiu uma Actividade Integradora inserida nos temas “Comunicação e Transportes” e “Comércio” que estão a ser abordados nas diferentes disciplinas dos Cursos EFA.

O dia começou com uma visita guiada às Caves do Vinho do Porto Offley, em Gaia, onde os visitantes conheceram melhor o processo de produção e armazenamento do vinho e também os diferentes tipos do Vinho do Porto. Esta visita guiada terminou com uma prova de Vinho do Porto Branco Tawny que agradou a todos.

De seguida, os alunos deslocaram-se até à Ribeira do Porto onde almoçaram num dos muitos restaurantes típicos da zona. Depois do almoço, seguiu-se uma visita guiada ao Museu dos Transportes e Comunicações que se localiza no edifício da antiga Alfândega do Porto. Aqui, os alunos visitaram uma exposição interactiva sobre meios de comunicação, onde gravaram um programa de televisão da sua inteira autoria. Esta actividade foi muito apreciada por todos os alunos pois permitiu-lhes conhecer melhor o mun-

do da televisão.

A visita de estudo prosseguiu com um percurso de barco no Rio Douro. O percurso foi feito na zona das seis pontes sobre o Rio Douro e permitiu aos alunos terem uma nova visão sobre as cidades do Porto e de Gaia e também experimentar um meio de transporte que não é utilizado com frequência no dia-a-dia. Esta etapa da visita de estudo proporcionou algumas das imagens mais belas de todo o dia, fazendo-nos compreender porque é que alguns autores se inspiram na cidade do Porto para criar as suas músicas e poemas.

Depois desta experiência inspiradora, os alunos terminaram o dia com uma pequena viagem no carro eléctrico desde a Ribeira até à Foz do Douro na Linha do Passeio Alegre. Este pequeno percurso ao entardecer foi o final perfeito para um dia muito bem preenchido donde todos os alunos e formadores saíram enriquecidos.

A Prof.^a Fabíola Silva



DESPORTO ESCOLAR

2009/2010

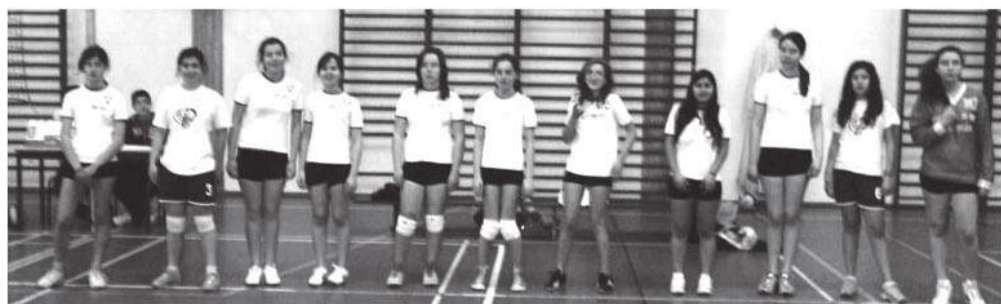


... razão para crescer

GRUPOS EQUIPA: Voleibol Fem. /Orientação Vários Misto / Badminton Infant., Inic. Misto PROFESSORES RESPONSÁVEIS: Armando Lopes, Anabela Freitas, Alfredo Azevedo e Goreta Sá

UM PASSADO... SAUDÁVEL

UM FUTURO... PROMISSOR!



Termina mais um ano lectivo e é chegado o momento de se proceder a um balanço, em jeito de avaliação, à participação da equipa de voleibol feminino da EBI de Forjães no âmbito do projecto "Desporto Escolar". Neste balanço, vou, simplesmente, referir os momentos de aprendizagem e "crescimento" proporcionados aos alunos nas dimensões físico atléticas mas também na cidadania e nas relações

interpessoais. As saídas aos sábados de manhã para competir com alunos de outras escolas revelam-se momentos singulares de superação das dificuldades e de determinação da personalidade. Os cantos a alegria a boa disposição e os pequenos excessos são contagiantes e fazem esquecer um ou outro resultado menos agradável que teima em marcar comparência.

É um facto, e, começa a ser uma preocupação, a dificuldade cada vez mais sentida, de formar a equipa de voleibol da nossa escola. Alunas como a Sara Torres, a Patrícia Coutado, a Vânia Sepúlveda, a Diana, a Jéssica e a Daniela entre outras que abraçaram o projecto com entusiasmo quando frequentavam o 5º ano, vão frequentar a nossa escola no próximo ano pela última vez. Estas alunas que integram o projecto há já quatro longos anos foram perseverantes, quando outras desistiram, revelaram entusiasmo e capacidade de entrega, sempre que necessário, foram alegres e irreverentes tal como a idade aconselha. Não são fáceis de substituir.

O DE é uma conquista das escolas, o qual confere às mesmas um valor acrescentado, em termos de formação para os alunos, de mobilização e estruturação de toda uma comunidade escolar e de desenvolvimento de competências num espaço educativo. Como tal deve ser apoiado e estimulado por todos. Pelos pais e encarregados de educação, em primeiro lugar, pois todos querem a "melhor escola" para os seus filhos e pela restante comunidade escolar pois de certeza que querem que a "sua" escola seja cada vez mais e melhor escola.

Prof. Armando Lopes

Voleibol Fem



ORIENTAÇÃO

Prof. Anabela Freitas



A Prova de Encerramento, como já é usual, realizou-se na cidade de Braga (sábado 19-06-10) seguida de um almoço convívio e de um passeio a pé.. Divertimo-nos muito!! Conseguiram o 1º, 2º e 3º lugares nesta prova organizada pelo Clube .COM!!



ALUNO REVELAÇÃO
Miguel Laranjeira
7ºC
4º Lug. Regional Norte de Orientação

Os alunos, que integram a equipa de Orientação da escola, merecem um agradecimento da minha parte, pelas óptimas prestações e entusiasmo que demonstraram ao longo desta época. As imagens falam por si... Ficam as amizades, os bons momentos de aventura, o trabalho de grupo, a partilha e claro a aprendizagem e a formação pessoal. Ainda há muito para trabalhar evoluir, vamos esperar por mais!

Uma modalidade para todas as idades.
Prática ORIENTAÇÃO...
Não fiques parado!

PRÉMIO DE MELHOR SPRINT
Anthony Esteves 7ªA



PRÉMIO DE PARTICIPAÇÃO Rafael Cruz 5ºB

Badminton

Prof. Alfredo Azevedo e Prof.ª Goreta Sá



Este ano lectivo, o grupo de Badminton competiu nos torneio inter-escolas do Desporto Escolar do CAE de Braga, nos escalões de Infantis e de Iniciados misto. No escalão de **Infantis**, após quatro torneios, ficaram apurados dez alunos para a fase final que se realizou em Famalicão no dia 30 de Maio e obtendo as seguintes classificações: David Sá (7ªA), 4ºClass., Miguel Sousa (7ªA), 9ºClass., Renato Martins (6ªB) 17º Class., Alexandre Dias (7ªA) e Davis Matos(6ªB), Ricardo Costa (7ªA) e Sérgio Carmalho (6ªB) em 25ºClass., Catarina Ribeiro (7ªA) e Cláudia Cruz (7ªA), 9ºclass ; Vânia Quesado em 18º Class. No escalão de **Iniciados**, após três torneios, obtiveram pontuação final necessária para participar no Torneio de Apuramento para a Prova Regional de iniciados, os alunos João Sousa (8ªA), Marcelo Carvalho(8ªB) e Miguel Perdigão(8ªA) na prova de singulares, João Sousa com Miguel Perdigão na prova de pares masculino, Carlos Morgado (8ªA) com Mariana Azevedo (8ªC) e Miguel Sá com Sara Torres (8ªB) na prova de pares misto. Os alunos João Sousa e Miguel Perdigão classificaram-se em 2º lugar na modalidade de Pares Masculino. apurando-se directamente, para o Torneio Regional de Iniciados que se realizou nos dias 21 e 22 de Maio em Paços de Ferreira, e no qual se vieram a sagrar **Campeões Regionais 2010**.

Parabéns a estes alunos pelos bons resultados que conseguiram pois este é o resultado do seu empenho e interesse pela modalidade. Parabéns também aos restantes que apesar não terem resultados tão importantes participaram de forma assídua e entusiasta nos treinos e nos torneios realizados. Até para o ano. Continuem a jogar Badminton.

Regional

O pintor da humanidade

Um artista minhoto expõe em Esposende a sua peregrinação pelos rostos e os ambientes “perdidos” da vida

**Centro Marítimo de Esposende (edifício Socorros a Náufragos)
Até 30 de Junho
Entrada livre
Horário: Terça a Sexta (15h-19h); Sábados e Domingos (15h-21h)**



Luís Pedro Ribeiro

Como que para coar a luminosidade que inunda a sala, encosta as janelas de madeira, aproximando-se dos quadros: «Agora sim, conseguimos olhar estes rostos...». Adelino Ângelo mostra três das suas pinturas preferidas, presentes nesta exposição. Em cada uma das telas estão representadas figuras femininas – duas, dão de mamar a crianças, e uma outra aconchega o filho que dorme. São mulheres ciganas, retratadas com naturalidade no seu ambiente quotidiano, os acampamentos, que o artista tão bem conhece. Há muito tempo. A sua convivência com os ciganos tornou-se tão íntima que, hoje, é padrinho de baptismo de meia dúzia de crianças.

São mais de meia centena de quadros, na sua maioria rostos. De gente normal, quase toda de

aspecto sofrido. «Homens da rua, como aquele que encontrei em Buenos Aires», diz apontando a tela. Também estão expostos paisagens. Mas Adelino Ângelo prefere a representação da figura humana. Gastou a sua vida a dar voz (e cor) aos renegados, aso marginalizados... «Sempre me atraíu sondar o mistério do ser humano, particularmente as suas misérias», reconhece, enquanto se detém à frente do rosto do mendigo com quem, em Madrid, numa manhã, estabeleceu uma amizade. Acabou por servir de modelo...

Nascido a 8 de Novembro de 1931, em Vieira do Minho, frequentou o curso de Belas Artes, em Lisboa, foi professor em Guimarães e já realizou mais de meia centena de exposições por todo o mundo. Este mestre do impressio-

nismo nunca se deixou «submeter pelos academismos instalados», salienta, para reforçar: «Preferi descer aos infernos da humanidade, convivendo com loucos e os desprazados».

«Capaz de captar um carácter em dois traços de lápis», como escreveu Francisco Pablos, da Real Academia de Bellas Artes espanhola, Adelino Ângelo ainda recorda o seu primeiro desenho. «Andaria na minha segunda ou terceira classe, quando pinte um burro...». Mas também se divertia a fazer retratos dos empregados da casa do pai. «Há duas formas alternativas de experimentar a vida, contemplar a imobilidade do horizonte, ou tingir de sangue as mãos. Adelino Ângelo, firmou-se na segunda destas escolhas», escreveu o escritor Mário Cláudio.

Mário Robalo

Bibliotecas do concelho ligadas em rede

A Biblioteca Municipal de Esposende (BME) e as bibliotecas de todas as escolas do concelho estão agora ligadas através de uma rede informática. Esta iniciativa do município pretende ser uma «espaço» de partilha de recursos e troca de conhecimentos, como sublinhou Maria Luísa Leite, directora da Biblioteca Municipal.

A Rede de Bibliotecas do Concelho de Esposende (RBCE), vai proporcionar às escolas o acesso aos catálogos de cada uma das instituições que a integram. Ou seja, BME e bibliotecas escolares. A RBCE permite a divulgação dos trabalhos que os professores realizam com os alunos, serve de suporte à investigação e sua difusão, possibilita o empréstimo interbibliotecas, além de permitir a aquisição

colectiva de livros, que passarão a constituir parte de um fundo comum. Mas esta ideia não está confinada ao meio escolar. Maria Luísa Leite salienta que a intenção é abrir a RBCE a outras instituições: associações culturais, colectividades, paróquias, entre outras.

Entretanto, para celebrar o centenário da República, a BME vai inaugurar uma exposição promovida pela Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas, na qual se mostra o resultado do trabalho de dez ilustradores que foram convidados a trabalhar os textos de autores contemporâneos da implantação da República. Paralelamente serão expostos textos relativos ao republicanismo, retirados dos jornais do concelho.

M.R.

O encanto dos Pequenos Cantores

A sua primeira grande actuação teve lugar na Igreja Matriz de Esposende, no passado dia 6, com a execução de um concerto de música, incluindo autores desde a Renascença até à actualidade. Os «Pequenos Cantores de Esposende», surgidos em Janeiro deste ano, é uma aposta da Escola de Música de Esposende (EME), integrando mais de sete dezenas de crianças.

«Ao nível das actividades de enriquecimento curricular, temos contacto, diariamente, com cerca de duas mil crianças. Foi desta maneira que nos apercebemos das suas capacidades...». É desta forma que Carlos Pinto da Costa, director da EME, introduz a ideia que deu corpo à concretização deste coro infantil. Aliás, destes dois. Um, o principal, é composto por 46 crianças, cujas qualidades vocais responde a níveis de exigência muito elevados. O designado «coro b» é constituído por crianças



que ainda precisam de aprendizagem, até conseguirem atingir o patamar dos outros cantores.

Em Janeiro a EME deu a conhecer a sua intenção em formar estes dois coros. Apareceram quatro centenas de crianças! «Sabíamos da tradição do canto coral nas paróquias e em outros espaços da vida comunitária, ao lançar a proposta», diz Helena Venda Lima, directora dos Pequenos Cantores, para expressar a sua admiração pela qualidade vocal de muitas crianças que se apresentaram como candidatos. Por isso, não foi difícil

Esposende desiste de acção judicial contra portagens A28

A Câmara Municipal de Esposende já não avança com a providência cautelar contra as portagens na A28. A decisão foi assumida pelos membros Assembleia Municipal (AM), numa reunião informal solicitada pelo presidente do município João Cepa, no passado dia 17. Segundo Benjamim Pereira, vice-presidente da autarquia, «consultada a equipa que se encontra a elaborar o processo judicial (com igual objectivo) dos municípios do Vale do Sousa, foi apresentado um orçamento na ordem dos 80 mil euros». E dado que «as possibilidades de sucesso (em Tribunal) eram muito escassas», ainda de acordo com Benjamim Pereira, a opinião «praticamente unânime» dos membros da AM foi de que a acção judicial deveria, por agora, ser «colocada de lado». Todavia, caso a providência cautelar dos municípios do Vale do Sousa obtenha resultados favoráveis, ficou determinado naquela reunião que poderá «repensar-se a estratégia». Recorde-se que, ao contrário do que aconteceu na região do Vale do Sousa, o município de Esposende não encontrou, nas outras Câmara das região, parceiros para levar por diante esta acção judicial.

PSD de Esposende escreve a Passos Coelho

Entretanto, no mesmo dia (22 de Junho) em que se conhe-

cia a decisão do PSD votar no Parlamento contra a obrigatoriedade do uso de identificadores electrónicos de matrícula e exigir de José Socrates a colocação de portagens nas SCUTS que agora não foram incluídas na decisão governamental, Benjamim Pereira, na sua qualidade de presidente da concelhia social-democrata de Esposende, enviava uma carta ao líder nacional, Passos Coelho, apelando a que o partido não contribua para a viabilização das portagens na A28.

Recordando a «acentuada sazonalidade» do concelho, a existência de um «tecido económico centrado na pequena indústria» e na ruralidade, o dirigente do PSD Esposende recorda não ser contra as portagens, mas salienta que a sua posição resulta do actual momento «de crise e de tantas dificuldades para as famílias» e a inexistência de «uma alternativa viável», numa clara referência à ineficácia da N13.

Recorde-se que, segundo a informação do Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, uma viagem entre Forjães e Porto irá custar 3,30 euros. E uma ida a Viana terá o preço de 0,75 euros.

M.R.

àquela professora da EME conseguir preparar, em pouco mais de três meses, o concerto acima referido. «E o nosso objectivo é que este coro seja uma referência a nível nacional e internacional, no âmbito dos coros de pequenos cantores», anota Helena Venda Lima. Mas a EME, constituída pela Câmara Municipal e uma cooperativa de professores, pretende dar um outro passo: fundar, no próximo ano, a Escola das Artes, aberta a toda a população do concelho, e que incluirá não só Música, como também Pintura, Teatro, Danças, etc.

Regional

Barcelinhos recupera cascata de S. João

É uma das mais típicas festas dedicadas ao santo baptista. No início de Junho, mulheres e homens afadigam-se para organizar o cenário que atrai à terra os forasteiros nacionais e estrangeiros *Textos e Fotos Cláudio Brochado*



À sombra do carvalho da ponte, em frente à Capela de Nossa Senhora, três homens trabalham no revestimento com cortiça da armação de madeira, seguindo os preceitos da tradição. Dos responsáveis pela construção da cascata, Adelino Carvalho e Joaquim Pinheiro, é este último quem melhor se recorda da forma da antiga. «Era maior do que esta» diz, enquanto passa a tina com barro amassado ao colega: «Era

o Manuel Barbado quem orientava a construção e colocação dos bonecos, com mais três ou quatro ajudantes».

Adelino Carvalho, por seu turno, explica o posicionamento das peças, enquanto limpa o suor da testa: «Os bonecos não ficam sempre na mesma posição, de ano para ano vão mudando de sítio, mas é quase a mesma coisa. Todos os anos colocamos mais uma casa, mais um moinho...». E a ponte de

Barcelos, a igreja de Barcelinhos e a residência paroquial já ocupam o seu lugar nos socacos da cascata, a ladear o laguinho onde se colocará o S. João.

Manuel Barbosa, professor do ensino secundário e habitante da frente ribeirinha de Barcelinhos, foi quem providenciou a recuperação da cascata e da recolha dos bonecos que faziam parte da antiga. Afiançou a preocupação de se manterem as características

A romaria do S. João de Barcelinhos remonta aos meados do século XVIII, altura em que se construiu a capela no Lugar de Medros (1757). O arraial feito pela noite dentro e ao redor de uma grande fogueira, com os roubos rituais de alfaiais agrícolas e jogos de adivinhação ligados à água, ajudou a alicerçar a devoção e a popularidade do culto do santo advogado das dores de cabeça, numa genuína expres-

são popular, simultaneamente religiosa e profana, de traços comuns a tantos sítios do Entre-Douro-e-Minho.

A festa, que esteve interrompida entre 2000 e 2007, foi reavivada em 2008 por um conjunto de barcelinenses que se propôs realizar a festa durante três anos e apostando na recuperação da construção da tradicional cascata que enquadra a imagem de S. João Baptista.

das cascatas antigas: «Era uma estrutura em pirâmide, de madeira, com revestimento de cortiça e os caminhos cobertos a barro». E tenta ensaiar a história da cascata movimentada: «No princípio deveriam ter começado com uma cascata estática, depois foram mettendo alguns bonecos de corda e, com a evolução do tempo, avançaram para um mecanismo de polias». E continua: «Havia um mecanismo constituído por um eixo de onde derivava umas polias que moviam os bonecos individualmente; mas o sistema estava velho, por isso adaptei-lhe uns pequenos motores individuais, mais fáceis de manter».

O professor refere também o carácter jocoso da cascata antiga: «O que eles reproduziam era as profissões, o serrador, o lenhador, o pescador, o varredor... mas depois começaram a representar

as figuras típicas da terra, como o Celestino Barbeiro, a Quinhas da Venda, o sapateiro, conhecido pelo Preguiça, o Quim do Souto, que era o ferreiro; até os identificavam com um letreiro por cima».

Para Miguel Henriques, da Comissão de Festas, a organização dos festejos e a construção da cascata tem custos elevados e, devido à falta de apoios, a sua continuidade está em risco. Enaltece, contudo, a importância da «Monumental Cascata» enquanto «ex-libris das festividades, despertando a atenção de todos, sendo que os turistas a observam e a fotografam entusiasticamente». Diz também que, «por ser movimentada e de ter os bonecos antigos restaurados, torna a festa mais apelativa e interessante... É única».

A cascata será inaugurada no dia 24 de Junho e estará patente até meados de Julho.

Exposição

A olaria “negra” de Bisalhães

Fabricada manualmente, a louça assume hoje valor etnográfico

O nome da terra, Bisalhães, parece-nos estranho, assim como o facto de a olaria que ali se produz ter a designação de «negra». A exposição **Olaria de Bisalhães: rostos de barro preto** instalada nos Paços do Concelho, na cidade de Barcelos, satisfaz-nos a curiosidade. A mostra constitui uma autêntica síntese desta arte, já identificada no século XVI. No foral de Vila Real, concedido por D. Manuel I em 1515, faz-se referência à actividade oleira na região.

E para que conste: Bisalhães é uma povoação serrana do concelho de Vila Real e o nome «olaria negra» resulta da singularidade dos ancestrais métodos de cozedura, que ainda hoje perduram. O segredo está no forno - um buraco aberto na terra, onde se colocam as peças numa grelha. Por baixo, fica a lenha a crepitar. Por cima da louça é colocada

uma camada de rama de pinheiro verde a arder.. O forno é abafado com caruma, musgo e terra. E é aqui que reside o segredo... que necessita de cerca de 24 horas.

É conhecida a louça preta de Molelos (Viseu) e Vilar de Nantes (Chaves). Mas enquanto estas são apenas utilitárias, a de Bisalhães distingue-se por ter, simultaneamente, função estética e utilitária.

A louça de Bisalhães tem despertado interesse etnográfico. Recorde-se a menção honrosa concedida a um dos seus oleiros, Luís Fernandes, na Exposição de Cerâmica Nacional, em 1882. E a nível internacional, ainda no século XIX, o francês Charles Lepierre fez um estudo pioneiro sobre as olarias e o processo de fabrico.

Mário Robalo



Uma vitela assada ou um arroz feitos no barro de Bisalhães ganham sabores inesperados... A ancestralidade do modo de fabricar as peças confere-lhes qualidades únicas. A louça utilitária designa-se de «churra», enquanto a decorativa, toma, naturalmente, o nome de «louça fina», decorada em ziguezague, espiraladas, além de motivos ovalados e elementos vegetalistas.

Olaria de Bisalhães: rostos de barro preto - Horário: 9,30h-12h; 14h-17,30h (Segunda a Sexta); 9,30h-12,30h; 14h-17h (Sábados e Domingos). Entrada livre

Esclarecimento

Exmo. Sr. Director do jornal O Forjanense
Na página 15 do último número do jornal O Forjanense, de 26 de Maio de 2010, é publicada uma notícia intitulada "Líder da concelhia PSD quer reconhecer trabalho militante", sendo que o texto termina com a frase "Recorde-se que o candidato de Cepa a líder do PSD foi Paulo Rangel". Encarrega-me o Senhor Presidente da Câmara Municipal de transmitir que tal não corresponde à verdade, dado que João Cepa não manifestou apoio a qualquer candidato e, só mais tarde e após a eleição de Pedro Passos Coelho, é que assumiu publicamente que votou no actual líder do PSD. Neste sentido, solicita-se que a afirmação seja corrigida.
Com os melhores cumprimentos,
Alda Viana
Gabinete de Relações Públicas

Desporto ■ Notícias FSC

Taça AF Braga: uma final de mérito

No último domingo de Maio, o Forjães Sport Clube disputou com o Vilaverdense a final da Taça AFB, no Estádio Cidade de Barcelos. Houve muita animação. Ao longo da tarde, desfilarão todas as equipas campeãs na presente época nos diversos escalões, sendo agraciados com medalhas e respectivos troféus.

Estiveram presentes muitos forjanenses a apoiar o nosso FSC. Encheram a bancada com as cores do clube, animando com bombos e os rec-rec's (autênticas vuvuzelas), contribuindo para o embelezamento da partida.

Inicialmente, o favoritismo estava do lado dos Vilaverdenses. Além de militarem na Divisão de Honra, também já haviam conquistado o troféu por quatro vezes. Contudo, os forjanenses não se intimidaram e dominaram grande parte do jogo, remetendo o Vilaverdense ao seu meio campo que, como um «autocarro estacionado», aproveitou todas as pausas para deixar correr o relógio.

O golo que viria a determinar o resultado final, surgiu um pouco antes do quarto de hora inicial, quando o FSC colocava os Vilaverdenses em sentido: um batiamento de bola longa viria a originar uma falha de comunicação entre Paulinho e Evandro, da qual

resultou um auto-golo do central forjanense que, na tentativa de cortar a bola, acabou por fazer um chapéu ao colega, que havia saído para, perto da imediação da área, recolher uma bola aparentemente fácil. O FSC reagiu ao golo. E Mané, na sequência de bola parada, fez tremer o poste sem que o esférico ultrapassasse a linha de golo. A primeira parte terminou com o Forjães a dominar e a merecer o empate. Na segunda metade a toada continuou, mas os forjanenses foram acusando o desgaste de jogar na relva e de terem feito as despesas do jogo.

Logo nos minutos iniciais, deste período, ficou por assinalar uma grande penalidade a favor do FSC. Na jogada seguinte, o Vilaverdense chegou à área forjanense e o seu avançado cavou autenticamente um penalty, prontamente assinalado, mas contestado dentro e fora das quatro linhas pelos forjanenses. Paulinho foi herói e defendeu o pontapé desferido pelo capitão do Vilaverdense, Talaia. À passagem do minuto vinte da segunda parte, o técnico Fernando Pires, colocou mais gente na frente de ataque, procurando o golo do empate, mas descompensando a zona intermédia. Com estas alterações a equipa Vilaverdense acabou por conseguir aliviar

A equipa do FSC revelou esforço e qualidade de jogo



Luís Pedro Ribeiro

a pressão, ganhando espaço no meio terreno. E além de passar a ter mais bola, tentou explorar o cansaço evidenciado pelos homens mais recuados do Forjães. Mas não causaram moça à baliza de Paulinho. Com o passar dos minutos, os forjanenses, jogaram cada vez mais com o coração, perdendo discernimento. Já em tempo de compensação o ponta de lança, Armino, teve tudo para levar o jogo a prolongamento, quando ganhou a bola a um dos centrais de Vila Verde, entrando na área isolado, e perante a saída

do guarda-redes, já na zona de penalty, desviou-lhe a bola, só que esta caprichosamente passou ao lado do poste. Terminado o jogo, apesar da derrota, ia-se fazer a festa. Mas o facto de um jovem forjanense (Paulo) se ter sentido mal, exigindo intervenção do INEM, deixou as pessoas em sobressalto. A cerimónia de entrega dos troféus aguardou até o jovem ser assistido. Para a história fica a terceira final perdida, em três disputadas (75, 84 e 2010), mas resta o consolo de lá ter chegado com muito mérito e de o clube ter sido

agraciado com o título de campeão da 1ª Divisão em parceria com o Celoricense.

Forjães 0 - 1 Vilaverdense Estádio Cidade de Barcelos

Forjães SC: 57- Paulinho; 16- Rick; 3- Mané; 2- Evandro; 23- Jony; 6- Américo (c.); 21- Celso (Coentrão aos 72); 24- Diogo; 10- Xiço (Adriano aos 72); 8- Armino; 7- Zé Manel (Nuno aos 81).

Treinador: Fernando Pires
Não utilizados: Rafa; Zé Carlos, Pipo e Roger; Golos: 0-1 auto-golo de Evandro aos 12 minutos

Comentário

Desde os primeiros anos de filiação que, nos momentos de transição, o Forjães sente dificuldade em encontrar direcção. Este ano o cenário repete-se com a saída da direcção, presidida por Arlindo Tomás. Todos acreditamos que o nosso vizinho vai dar uma mãozinha, todos temos pena de não poder, mas ninguém se disponibiliza para liderar uma direcção.

Ser director do Forjães exige tempo e dedicação, é certo, mas se o grupo directivo for unido, as tarefas cumprem-se sem dificuldade. A parte financeira assusta muita gente, mas não há que ter medo: os orçamentos são feitos à medida das políticas desportivas estabelecidas pelas direcções e assentes numa estrutura criada no clube há muitos anos - tómbolas, bares, futebol de salão, presente da vaca, S. Miguel, sorteio de Natal, Janeiras, cabazes... É certo que estamos em tempo de crise, aconselhando uma redução orçamental para valores mais bai-

xos do que os que se têm vindo a praticar (entre 70 000 e 80 000 Euros). Em minha opinião, é possível baixar o orçamento para o futebol sénior, talvez correndo riscos de menor sucesso desportivo. Urge reactivar o trabalho com os jovens de Forjães e das comunidades vizinhas, uma medida que assegura a vida do clube. Também o sonho do relvado, novo complexo ou remodelação ficam definitivamente comprometidos se não se resolver a questão directiva.

Está na hora de virem «uns» agora, para mais tarde virem «outros» e, se assim for, o FSC continuará a ter crises directivas, momentâneas, por muitos anos, sinal de que está vivo no coração dos forjanenses. É tempo dos sócios e amigos deste clube reagirem. Os que tiverem disponibilidade não deverão negar os seus esforços ao FSC. Marquem presença nas Assembleias. Só com todos a ajudar é que as coisas se resolvem.

E.N.

«É incompreensível não surgirem pessoas para assumirem a direcção do FSC»

Fernando Neiva entrevista o presidente da Mesa da Assembleia Geral

Fernando Rodrigues, começou por vestir a camisola do Forjães aos dezasseis anos, tendo sido lançado num Torneio de Verão. E logo foi incluído no plantel que disputava o regional da 1ª divisão de Viana do Castelo. Em 2003 foi o propulsor para a saída da crise directiva, liderando uma Comissão Administrativa até 2006. Não fosse a vida profissional, estaria disponível para integrar uma direcção. Presidente da Mesa da Assembleia Geral apela para que todos se disponibilizem para trabalhar em favor do Forjães Sport Clube (FSC).

Como está a situação directiva do FSC?

R: Arlindo Tomás já informou que não continuaria a liderar ou a integrar uma direcção. É pena. Acho que fez um bom trabalho. Apenas três ou quatro pessoas se disponibilizam para uma direcção, mas não para liderar.

Caso não apareça uma direcção, qual o futuro do clube?

R: Espero que não tenha de fechar as portas, mas corremos esse risco. Não posso assumir os destinos do clube, mas quem para lá for sabe contará comigo. Se não se conseguir uma direcção, tudo faremos para encontrar uma comissão administrativa. É incompreensível que não surjam pessoas para dirigir o clube num momento de grande sucesso. Foi esse sucesso que levou as pessoas a mostrarem que gostam do clube.

Será possível manter a equipa da época passada, que teve um desempenho brilhante?

R: Penso que sim. Para haver continuidade, o clube teria de se organizar rapidamente em termos directivos. Gostava de ver este grupo continuar. Mostraram qualidades para fazer um bom papel na divisão de honra.

O que considera vital para o clube, a curto prazo?

R: Só faz sentido falar disso se o clube resolver a questão da direcção. Sou de opinião que é de capital importância trabalhar o futebol

jovem. Digo mesmo que se justificava um maior investimento naquela área, não só por parte do clube mas também por parte dos pais. Se este trabalho for feito com persistência, o clube será mais forte. Refiro que se o clube não tivesse feito um trabalho regular e aceitável neste capítulo, talvez já tivesse fechado as portas. Seria ainda importante o desenvolvimento do projecto de reestruturação das infra-estruturas do clube. É vital que o FSC passe a dispor de um relvado a curto prazo.

Que mensagem deixa aos sócios?

R: Disponibilidade para ajudar a resolver o problema directivo. Peça mais participação na vida do clube, que apareçam nas Assembleias, que paguem as quotas, e que apoiem quem serve o clube. Por último, digo que foi bonita a participação de muitos forjanenses nos últimos jogos, em particular, na final da Taça, foi bonito ver tanta gente a apoiar o Forjães em Barcelos.

Av. de S. Romão, 10 - 4935 Neiva - Viana do Castelo Tel. 258 871 466 - Fax: 258 371 420

Av. Marcelino Queirós, 130/140 Estrada E - loja 14 - 4740-438 Forjães
Tel.: 253 876 074/TLM.: 965 166 956



Publicidade



Serralharia Lima
Aurélio Sérgio Azevedo Lima

- todo o tipo de caixilharia em alumínio
- todos os serviços em ferro
- coberturas industriais
- portas seccionadas
- automatismos

Rua da Galega_Cerqueiral / 4740-435 Forjães_Esposende
telef.: 253 872 264 / telm.: 964 157 669



IDEAL PNEUS

PNEUS - ESTAÇÃO DE SERVIÇO LIGEIRAS E PESADOS - ALINHAMENTO DE DIRECÇÕES

PAÇO VELHO - V.F.S. - APARTADO 583 - 4750-909 BARCELOS
TELEF. 253 809 880 - FAX 253 809 889

Palavras Cruzadas (soluções)

Horizontais
1º presa; lomba = 2º a; massudo; p = 3º s.s.; liame; re = 4º sam; are; mel = 5º ária; c; calo = 6º astrónomo = 7º sisa; f; saga = 8º eva; fim; ris = 9º la; gelar; oc = 10º v; António; u = 11º astro; amida =

Verticais
1º passa; selva = 2º r; saraiva; s = 3º em; missa; a.t. = 4º sal; ata; g.n.r = 5º ásia; r; feto = 6º sarcófilo = 7º lume; n; mana = 8º ode; cos; rim = 9º mo; mamar; oi = 10º b; relógio; d = 11º apelo; ascua =



CARTONAGEM S. BRAZ, LDA.
Embalagens

Embalagens e outros artigos de Cartão Canelado
em qualquer modelo com ou sem impressão

L. Pinheiro - Rio Cove - Stª Eugénia
Tel - 253 83 00 00 / 253 83 24 51 Fax - 253 82 12 30
Apartado 430 4754-000 Barcelos



Escola de Condução
Rio Neiva, Lda

...A conjugação perfeita para a formação de bons condutores!

Av. 30 de Junho, 364
4740-438 Forjães
Tel: 253 87 77 70
E-mail: escolarioneiva@rj.pt

Deco-Int
Decorações - Interiores

- Cortinas
- Varões
- Rolos
- Verticais
- Laminados
- Palhinhas
- Mosquiteiros
- Tapetes
- Candeeiros
- Etc ...



Colocação e reparação de estores interiores e exteriores em alumínio e P.V.C motorizados.
Orçamentos grátis

Av. Marcelino Queirós, nº 130 - Loja 5
4740 - 448 - Forjães
Tel/Fax - 253 877 814 TLM - 918 332 917 / 917 052 671
E-mail: decoint@mail.pt


Loja 150

LOJA DE ARTIGOS DIVERSOS

Utilidades Domésticas, Produtos alimentares, Decoração, Loijas Papelaria, Brinquedos, Ferramentas, etc..

Av. Sta. Marinha, Centro Comercial Duas Rosas, 1º esq.: Loja nº1
Forjães - Esposende Telefone: 253877159

Centro Comercial
2 Rosas



Alugam-se lojas e escritórios

Tel. 253 871 436

O FORJANENSE
R. Pe Joaquim Gomes dos Santos, nº 58
4740-439 FORJÃES
PROPRIEDADE e EDIÇÃO: ACARF
Associação Social, Cultural, Artística e Recreativa de Forjães
Fundado em Dezembro de 1984
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. Pe Joaquim Gomes dos Santos, nº 58
4740-439 FORJÃES - Ctr. n.º 501524614
Telef. 253 87 23 85 - Fax 253 87 10 30

e-mail: acarfl@sapo.pt



DIRECTOR: Mário Robalo
mario_robalo@sapo.pt
Subdirector: Cláudio Brochado
claudio-brochado@sapo.pt
CONSELHO CONSULTIVO: Fátima Vieira (ACARF), Mário Dias (Paróquia), Andreia Cruz Dias (PSD), José Manuel Neiva (PS), Basílio Torres (Prof. EBI), Rui Laranjeira (estudante EBI), Arlindo Tomás (FSC), Paula Cruz, Sílvia Cruz Silva, Alfredo Moreira e José Salvador.
Colaboradores permanentes: Pe. A. Sílvio Couto, Armando Couto Pereira, Carmen Ribeiro (Fundação Lar de Santo António), Pe. José Alves Martins (Timor), Junta de Freguesia de Forjães, Luís Baeta, Manuel António Torres Jacques(França), Maria Mota, Olímpia Pinheiro, Paulo Lima (EBI Forjães), Regina Corrêa de Lacerda (Lisboa), Rita Braga, Vânia Aidé e Feli-

cidade Vale e educadoras da ACARF.
REDACÇÃO: Anabela Moreira, Diana Martins, Nelson Correia, Ricardo Brochado, Sofia Carvalho, Susana Costa e Tiago Brochado.
FOTOGRAFIA: Luís Pedro Ribeiro
SECRETARIADO E PAGINAÇÃO: Eduarda Sampaio e Fátima Vieira.
ASSINATURA ANUAL (11 números)
País: 9 Euros; **Europa:** 17 Euros; **Resto do Mundo:** 20 Euros
Registado no Instituto da Comunicação Social sob o nº 110650
TIRAGEM - 1.650 Ex. (Sai em meados de cada mês)
IMPRESSÃO: EMPRESA DIÁRIO DO MINHO, Lda
Rua de Stª Margarida, 4 A / 4710-306 Braga / Tel. 253 609460
Fax. 253 609 465/ Contribuinte 504 443 135
www.diariodominho.pt / lfonseca@diariodominho.pt

Os artigos de opinião são da exclusiva responsabilidade de quem os assina e não vinculam qualquer posição do jornal O FORJANENSE. O jornal não assume o compromisso de publicar as cartas ou textos recebidos, reservando-se o direito de divulgar apenas excertos.

Opinião



Rogério Barreto

Aterro sanitário no Monte da Infia, em Fragoso: uma opção errada!

A questão do aterro sanitário da Resulima tem suscitado preocupação nas populações vizinhas de Fragoso, freguesia referida como potencial local para a sua implantação, depois de encerrado o aterro de Vila Fria. O processo de localização de um aterro no município de Barcelos tem sido atribulado, vistas as opções que foram sendo lançadas, sem que haja ainda decisão final, depois de se apontar Barqueiros,

Palme e, ultimamente, Fragoso.

Observando a proposta de Barcelos, percebe-se que a intenção é encostar o novo aterro àquele que está em fim de vida, na freguesia de Vila Fria, em Viana do Castelo, baseando a escolha num critério estritamente espacial, em que o factor da proximidade geográfica parece ser essencial. A prevalecer esta peculiar e estranha fundamentação, será expectável que a área em causa, enquadrada no terço inferior da bacia do rio Neiva, se transforme nas duas próximas décadas num espaço de vazadouro de lixo domésticos de cerca de 350 mil habitantes, tendo em conta que depois de Barcelos será a vez de Esposende indicar novo

terreno. Este território corresponde, grosso modo, a um triângulo repartido por Viana do Castelo, Barcelos e Esposende, onde residem cerca de 20 mil pessoas.

Planear o território e as actividades que nele se pretende desenvolver é um acto político que exige estudo, reflexão, ponderação e decisão, baseado na melhor informação técnica e na mais actualizada informação científica.

Coloca-se uma questão grave aos decisores políticos. Como é feito o planeamento do território dos seus municípios? O terreno onde se localiza o aterro e a proposta da localização em Fragoso, no Monte da Infia, na margem direita do Neiva, insere-se na famo-

sa Bacia Sedimentar de Alvarães, uma área com cerca de 20 quilómetros quadrados com depósitos quaternários argilo-arenosos, que constituem a maior reserva nacional de caulinos e argilas. A localização do aterro na Infia está vertida no Plano Director Municipal de Barcelos? E no Plano Regional de Ordenamento do Território?

Planear significa promover a melhor ocupação do solo, compatibilizando os seus usos com a exploração dos recursos existentes. A proposta de implantação sobre este recurso, revela não só falta de visão, mas sobretudo insensatez e desrespeito pelo ambiente, porque compromete a exploração futura das argilas e caulinos, tornando-

os inacessíveis ou criando obstáculos à actividade extractiva. Importa, pois, preservar este activo ambiental e económico.

A ocupação superficial destes terrenos, sobretudo o Couto Mineiro de Alvarães, não pode resultar de sensibilidades pessoais e ingénuos voluntarismos. A Bacia Sedimentar de Alvarães já sofreu profundos golpes – estradas, A28, Zona Industrial de Neiva e Aterro de Vila Fria. Agora, só falta mesmo delapidar o Couto Mineiro de Alvarães, pondo-lhe em cima um aterro, em Fragoso! A acontecer, estamos perante um grave erro estratégico e um crime de lesa natureza. Esperemos que o bom senso prevaleça.



Rafael Poças

«Fazei coisas belas, mas sobretudo tornai as vossas vidas lugares de beleza»

abundantes as suas palavras, afáveis e fidedignas, que ele também nos comunicou que jamais poderemos esquecer e que devemos e podemos gravá-las em nós no presente e no futuro.

Nos diversos encontros que contamos com a presença de Sua Santidade, muitos foram verdadeiros momentos de grande emoção, ternura e afecto em volta do sucessor de S. Pedro.

No encontro com o mundo da Cultura, no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, o Papa Bento XVI no seu eloquente discurso referiu: «Fazei coisas belas, mas sobretudo tornai as vossas vidas lugares de beleza».

Ao reflectir sobre esta asse-

veração rapidamente me veio ao pensamento o facto de se estarem a aproximar ou já em curso diversas festas em honra dos santos da nossa devoção. Estas são, sem dúvida, momentos de grande coesão de todas as comunidades cristãs, circunstâncias de um forte apelo ao convívio e à partilha, ou seja, a um efectivo convite à concretização de várias coisas belas.

Mas, para além de todas as coisas belas que possamos fazer é importante que reflectamos sobre a nossa própria vida interior. Não chega realizar coisas belas exteriormente, que conduzem, em muitos dos casos, somente ao espectáculo e ao entretenimento, que por sua vez conduzem ape-

nas à ilusão. Mas, interiormente a nossa vida será que é similar ou análoga a toda esta alegria e júbilo exterior?

Daí que, sem dúvida, e não expondo qualquer tipo de obstáculo, o Papa Bento XVI tem toda a razão e fundamento nesta sua afirmação. É necessário que cada um saiba transformar a sua vida num verdadeiro lugar de beleza. Estou plenamente convencido que isto só se pode concretizar quando cada um for capaz de acolher Deus no seu interior, no íntimo do seu coração. Se assim for, nele não pode irradiar outra coisa a não ser a beleza de Deus. Então, creio que só aí o ser humano pode realizar autênticas coisas belas.

Mais do que exteriorizações, que muitas vezes não passam apenas de aparências, é necessário considerar cada vez mais o nosso interior, que só o próprio e Deus conhece e onde não há possibilidade para qualquer tipo de fingimento.

Tenhamos então a coragem para realizarmos uma revisão sobre aquilo que somos e aquilo que fazemos e se ambas as coisas são consonantes.

Saibamos pois, acolher estas raras e distintas palavras para que fazendo coisas belas, sejamos primeiramente lugares de beleza como nos lembrou Bento XVI.



José Salvador

O «bullyng», um fenómeno em crescendo (*Parte 2*)

por perto e em local visível de todos (evitar o uso no quarto de forma isolada), saber os «sites» que frequentam, podendo para isso de uma forma cómoda frequentar um curso de informática, pós-laboral e gratuito, na escola/agrupamento que o vosso filho frequenta.

Muitos especialistas em Educação, defendem hoje que o aumento de violência escolar se deve, em parte, à falta de autoridade familiar, pelo facto de os pais renunciarem em impor a disciplina aos filhos, remetendo essa responsabilidade para os professores, preferindo que o pouco tempo que passam com os filhos seja passado de uma forma lúdica, alegre e sem conflitos. Desta forma, a criança não encontra em casa a figura de autoridade, que é um elemento fundamental para se estabelecerem regras para um harmonial

crescimento e desenvolvimento da criança/adolescente. No entanto, quando a escola tenta exercer esse papel disciplinador, são os próprios pais a tirarem satisfações junto dos agentes educativos. É importante perceber que as crianças não são hoje mais indisciplinadas, o problema fundamental é que têm menos respeito pela autoridade dos mais velhos, deixando de ver os mais adultos como fontes de saber, de experiência, de ensinamento, para passarem a ver como fonte de incómodo.

As escolas, forçosamente, têm um papel importante e não se devem demitir das suas responsabilidades, devem sensibilizar à não-violência (através do papel do director de turma, em áreas como a formação cívica, e através de acções de sensibilização), devem conversar com as vítimas e

agressores, devem ajudar e tomar medidas que previnam eventuais recorrências de novas situações. Mas, a tutela, neste particular, o Ministério da Educação, deve também dotar as escolas de recursos humanos capazes de lidarem e auxiliarem os discentes, quer numa perspectiva de acompanhamento psicológico, através da criação/manutenção de Serviços de Psicologia Orientada (SPO) com profissionais capazes, quer através da criação de Gabinetes de Apoio Social (para acompanhamento dos alunos e das suas famílias) com técnicas de Serviço Social inseridas na comunidade envolvente em articulação e sintonia com as instituições estatais que estão no terreno – segurança social, CPCJ, IEF, entre outras. Uma outra medida, não menos importante, e que algumas escolas

vão colocando em prática, sobretudo em zonas urbanas problemáticas, seria a implementação de medidas de vigilância e segurança (quer no interior, quer nas imediações dos recintos escolares) com agentes das forças de segurança aposentados, com eventual acréscimo de subsídio nas suas pensões, complementando assim o Plano Tecnológico Nacional que prevê a curto prazo a instalação de videovigilância no interior e exterior dos edifícios escolares.

É importante a intervenção dos pais, e que compreendam que, por vezes, é mais eficaz a supressão de privilégios que as crianças estão habituadas, aproveitando para apostar em etapas de cumprimentos dos seus deveres. É importante envolver toda a sociedade.

Como ajudar as vítimas? Compete numa primeira instância aos pais estarem atentos ao dia-a-dia dos seus educandos, às mudanças drásticas do seu quotidiano. Situações de isolamento repentino, medo sistemático, renúncia em ir à escola, marcas no corpo ou na roupa, perdas de apetite. Enfim, inúmeros outros sinais que revelem comportamentos anormais. Devem, por isso, conversar diariamente com os vossos educandos, preferencialmente, à hora de jantar com a televisão desligada, controlar o uso da internet em casa, estarem

Culinária ■ Viver ■ Passatempos

Ementas da casa

Maria Mota e Olímpia Pinheiro



«Festa é festa!», diz o nutricionista Ricardo Moreira, a propósito do prato proposto pelas cozinheiras da ACARF para o S. João. Por isso, atrevemo-nos a sugerir uma sangria de vinho, que tomada moderadamente, revela-se um agradável refrescante. Então, além das laranjas (com casca e cortadas às rodelas), misture-se a gasosa, o vinho, o pau de canela, o açúcar amarelo e a hortelã, para aromatizar. Bom S. João! Não esquecendo que o álcool deve ser consumido prudentemente...

Sardinhas com entremeada

8 sardinhas, sal q.b., 4 fatias de entremeada, 1 dl de azeite, 2 dentes de alho, picados
Para acompanhar: batatas cozidas, 2 tomates, 1 alface

Lave as sardinhas, tempere-as com sal e deixe-as repousar cerca de 30 minutos. Grelhe-as depois a gosto. Tempere as fatias de entremeada com sal e grelhe-as também. Coloque-as depois a pingar sobre as sardinhas. Leve um tachinho ao lume com o azeite e quando estiver quente, junte-lhe os alhos e deixe ferver. Sirva as sardinhas e a entremeada, regadas com o molho. Acompanhe com batatas cozidas, os tomates e alface.

Salada mista

1 alface, 2 endívias, 2 tomates, 2 cenouras, 150g de milho cozido, 2 rabanetes, 1 raminho de coentros, sal, 0,5dl de azeite, 1 c. (chá) de vinagre

Lave as folhas de alface sob água fria corrente, enxugue e de seguida corte aos pedaços grandes. Utilize para forrar o fundo e as paredes laterais de uma saladeira grande. Sobre a alface disponha as folhas de endívia e o tomate lavado e cortado aos gomos ainda com casca e sementes. Rale as cenouras e coloque no centro da saladeira, juntamente com o milho cozido. Sobre estes coloque os rabanetes cortados às rodelas finas e enfeite com pequenos ramos de coentros. Tempere tudo a gosto com uma pitada de sal e regue com o azeite e o vinagre.

Obesidade infantil



Ricardo Moreira*

A obesidade é uma doença crónica, em que o excesso de gordura corporal acumulada pode afectar gravemente a saúde a médio e longo prazo. Trata-se da doença nutricional mais prevalente no mundo e a “epidemia do século XXI”. De acordo com dados da Comissão Europeia, Portugal encontra-se entre os países da Europa com maior número de crianças com excesso de peso, sendo que mais de 30% das crianças com idades compreendidas entre os 7 e os 9 anos têm excesso de peso ou são obesas. Uma criança, com idade superior a 2 anos é considerada obesa quando o seu percentil de Índice de Massa Corporal é igual ou superior a 95 para o sexo e idade. Os Boletins de Saúde Infantil têm estas tabelas de percentis, que devem ser cuidadosamente preenchidas sempre que a criança é pesada e medida. Os factores ambientais, nomeadamente uma alimenta-

ção desequilibrada (a maioria das crianças come muito e mal) e o crescente sedentarismo das crianças constituem as principais causas para este problema. Actualmente sabe-se que uma criança obesa se cansa mais facilmente, tem uma baixa auto-estima e uma elevada probabilidade de vir a ser um adulto obeso com todas as co-morbilidades associadas. A obesidade encontra-se relacionada com o aparecimento de diabetes tipo 2, hipertensão arterial, aumento do colesterol, puberdade precoce e problemas ortopédicos e psicológicos. No próximo número serão discutidas soluções para ajudar a combater este problema.

à mesa

No mês de S. João, é-nos apresentada uma receita de sardinha com entremeada. O facto de as sardinhas serem “regadas” com a gordura que pinga da entremeada de porco faz este prato rico em ácidos gordos saturados, não recomendáveis no que toca à saúde cardiovascular. Mas... Festa é festa! E, por festa, e com conta, peso e medida é um prato a considerar. Uma boa opção é a salada mista sugerida como acompanhamento principal!

* Nutricionista

Palavras Cruzadas

Manuel Torres Jacques

Horizontais

1º atada; lombada de serra = 2º grosso = 3º santíssimo sacramento; cordame de navio de vela; arguida = 4º “tio” da América; medida de superfície; doçura = 5º aparência; dívida, o mesmo que calote = 6º pessoa que pratica a astronomia = 7º nome antigo, hoje imposto de transmissão; bruxa ou feiticeira, entre os romanos = 8º mulher de Adão; termo; arroz em francês = 9º naquele lugar; paralisar de assombro; língua que se fala entre a Loire e os Pirenéus = 10º santo casamenteiro = 11º pessoa ilustre; sal de amoníaco com menos um átomo de água =

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										

Verticais

1º Fruta seca; bosque = 2º chuva de pedra = 3º preposição; acto religioso Eucaristia; antigo testamento = 4º rei dos temperos; frutado-conde; guarda nacional republicana = 5º continente; embrião = 6º a parte carnuda das folhas = 7º clarão; irmã = 8º composição poética dividida em estrofes simétricas; colarinho; víscera dupla = 9º pedra do moinho; sugar; saudação à brasileira = 10º constelação meridional = 11º chamamento; brasa viva =

É bom ter saúde

A cada Verão que passa registam-se temperaturas cada vez mais altas. Todos os anos batem-se recordes, com o calor a manter-se excessivo durante dias a fio. São estas ondas de calor que colocam a nossa saúde em risco porque o corpo humano tem vários mecanismos para recuperar a temperatura e, quando sujeito a calor intenso, o organismo pode perder estas capacidades e a temperatura corporal aumenta muito.

O calor excessivo afecta-nos a todos, contudo há pessoas que necessitam atenção e cuidados especiais. É o caso dos idosos porque não se adaptam bem a temperaturas extremas; bebés e crianças que são mais sensíveis ao calor e necessitam dos adultos para se protegerem; pessoas que sofrem de doenças cardíacas, respiratórias, diabetes e hipertensão; obesos porque o seu corpo tem maior dificuldade em arrefecer; acamados e doentes mentais pois podem não sentir ou manifestar sede; desportistas e trabalhadores ao ar livre; pessoas que vivem em habitações com

condições deficientes e indivíduos que tomem medicamentos que aumentem a susceptibilidade ao calor.

São vários os problemas de saúde que podem ter origem nas ondas de calor. Quando o corpo atinge rapidamente a temperatura de 39º C, a pele fica vermelha, seca e sem suor, pulso rápido e forte, dor de cabeça e confusão, tonturas, náuseas e perda de consciência: estamos perante um golpe de calor. As ondas de calor podem também dar origem a um esgotamento que só se desenvolve alguns dias após a exposição ao calor extremo. Manifesta-se por transpiração exagerada, palidez, câimbras musculares, cansaço, fraqueza, dor de cabeça, náuseas, vômitos, desmaios, pulso rápido e fraco, pele fria mas húmida. A desidratação é outro dos problemas de saúde que pode aparecer quando o calor é demasiado. Neste caso o corpo perde uma quantidade de água e sais minerais superior à sua ingestão. Os sintomas são fraqueza, tonturas, cansaço, boca seca, sede excessiva, diminuição do volume



Rita Braga*

da urina e escassez na origem de lágrimas.

Quando o calor aperta, o melhor é prevenir antes que os problemas anteriormente referidos apareçam. Beber líquidos com abundância, mesmo que não tenha sede; evitar o álcool, caféina, bebidas com gás ou geladas; fazer várias refeições leves durante o dia; evitar actividades ao ar livre nas horas de maior calor; usar protector solar; refrescar o corpo sempre que necessário; permanecer em locais frescos quando a radiação solar é mais intensa; usar roupas leves e frescas e viajar nas horas de menor calor.

Porque devemos usufruir do Verão o melhor possível, no próximo mês irei escrever sobre os protectores solares. Como escolher o indicado a cada pessoa, e como o usar da melhor forma.

Aproveite o início do Verão.

* Farmacêutica



Corte de ténis do Forjães Sport Clube
19 a 31 de Julho

Inscrições de 1 a 13 de Julho

Organização ACARF

Contactos
917004912/926363 923
acarfopen@gmail.com



Escalões Sub 15 M/F (nascidos até 1995)
Séniore Masculino (Prize Money)
Séniore Feminino (Prize Money)



<p>Entrevista a Gil Abreu pág. 6</p>	<p>Cascata de S. João em Barcelinhos pág. 11</p>	<p>FSC sem direcção pág. 16</p>
---	---	--

Visite esposendeonline.com

O mestre

Dedicou-se à arte de trabalhar a madeira. O carpinteiro forjanense, conhecido por Tone Titó, revela hoje o seu talento na jardinagem Texto Nelson Correia

António Gonçalves Torres. Este nome, para muitos, não será familiar, mas se dissermos Tone Titó, todos se recordarão. Actualmente com 76 anos de idade, este nosso caro forjanense dedicou mais de meio século da sua vida à arte que herdou do pai, com o qual adquiriu a mestria: «Desde criança desejei ser carpinteiro».

Aos 29 anos, porém, emigrou para França. «Inicialmente, trabalhei numa fábrica de cal e cimento, para cumprir contrato e ficar legal no país», recorda. Foram dezanove anos emigrado, dez dos quais na cidade de Paris e os restantes na região da Normandia. Regressado a Portugal nos anos 80 do séc. XX, cria o seu próprio negócio. «Aluguei a oficina do Quintas, perto da casa dos Grilos, situada nas traseiras da drogaria do falecido Júlio Pereira». Mais tarde, construiu, em sua casa, oficina própria, mantendo a actividade até há meia dúzia de anos.

Ao recordar este longo per-



Luís Pedro Ribeiro

curso, o sorriso é bem patente no rosto: «Foram anos muito duros, mas tenho saudades da minha mocidade». Exercer então a profissão era mais difícil do que nos dias de hoje: «Além dos trabalhos mais duros, tornava-se mais complicado, porque era tudo feito manualmente. Não havia oficinas; carregávamos a mala de ferramentas às costas e íamos para a casa dos clientes». Os principais serviços encomendados na altura, eram portas, janelas, carros de bois, vasilhas do vinho, e as entrosgas e rodas de fora das azenhas. Tone Titó foi o último carpinteiro de azenhas. A última que restaurou foi a azenha do Zé do Rio.

Nascido numa família com tradições na arte da madeira, a sua família foi a que mais carpinteiros deu a Forjães, «além das famílias dos Casaínhos, Almeidas e dos Rafaelis», como refere. António partilhou os seus conhecimentos e a sua mestria com outros, como foi o caso dos seus primeiros funcionários «O Zé Grande e Anacleto Carvalho foram meus aprendizes», diz, sublinhando: «Eles ainda sofreram um pouco, pois antigamente não havia transportes, era tudo transportado em carinhos de mão, e não se trabalhava só para Forjães. Também tinha-

mos clientes nas terras vizinhas». Mas quando abriu oficina em sua casa, comprou um carro: «Assim, já facilitava o transporte».

Na sua memória não guarda apenas dificuldades. Também aconteceram histórias engraçadas. «O António Silva pediu-me para lhe recuperar uma vasilha. Depois de o trabalho estar completo, eu pedi ao Zé e ao Anacleto para me levarem o material danificado da vasilha para minha casa, eu ainda estava na oficina do Quintas. Ao passarem por casa do Silva disseram-lhe que a vasilha não tinha conserto. Ao ver aquele molho de tábuas e ferro, o Silva ficou aflito a reclamar. Queria uma vasilha nova e só acalmou quando lhe disseram que aquilo era uma brincadeira, pois a vasilha estava, como nova, na oficina. Foi das histórias mais hilariantes que tive até aos dias de hoje: o homem estava mesmo aflito». Além de excelentes obras de arte António prestou outros serviços à comunidade. Foi membro da Assembleia de Freguesia e director do Forjães Sport Clube. Participou no grupo de teatro, representando em várias peças. Agora, aproveita o tempo para um descanso merecido, dedicando-se à jardinagem.

Quinta de Curvos

Situada num vale associado ao rio Neiva e atravessada pelos ventos marítimos, a Quinta de Curvos apresenta uma fertilidade ímpar. O Vinho Verde aqui produzido revela uma mistura de aroma e agulha, que pela sua frescura se torna muito apetecido

Sede
Lugar de Cerqueiral - FORJÃES - Esposende Telemóvel: 965864875 - Tel/Fax: 253 871 555
Parque Industrial de Padim da Graça, Lt.6-2 Padim da Graça - Braga - Telefone: 253 300 070

AGROZENDE - Fabricação de estufas e regas, Lda

Sistemas Rega - Plásticos Térmicos - Plásticos Cobertura Solo - Redes - Telas - Climatização

Agrozende Fabricação de Estufas e Regas, Lda é uma empresa moderna que sempre procurou, desde o seu início, apostar na actualização constante dos seus serviços e produtos, proporcionando aos seus clientes a qualidade necessária às suas exigências.

Como empresa em expansão, prestamos os nossos serviços e apoio de norte a sul do país e ilhas, através de equipas especializadas na montagem e aquecimento de estufas, sistemas de regas, armazéns de apoio e Garden Center.

Contactos:
Tlf: 253 983 432 - Fax: 253 983 433 - Email: agrozende@vizzavi.pt
Rua de Agra - Apartado 13 - 4744-909 Fonte Boa - Esposende